

(in)formação

PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA

NÚMERO 11 / FEVEREIRO 2017



(gestão participativa democrática)



DE de Avaré

ERRATA:

Edição número 10 / novembro 2016

Seção 1 – **Conhecer e Aprender**

Trilogia – *Outubro Rosa, Novembro Azul, Dezembro Vermelho*. As cores na prevenção e na inclusão

Trecho corrigido (página 8):

Hoje são realizadas inúmeras ações em todo o Brasil, como a iluminação de pontos turísticos, tais como no *Outubro Rosa*, com adesão de celebridades (Zico, Emerson Fittipaldi, Rubens Barrichello), ativações em estádios de futebol, corridas de rua e autódromos, além de palestras, intervenções em eventos populares e pedágios nas estradas.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

José Renato Nalini Secretário da Educação
Francisco José Carbonari Secretário-Adjunto
Marília Marton Chefe de Gabinete
Ricardo Addeo Dias Coordenador Geral do
Programa Escola da Família (PEF)

Equipe Técnica

Cleide de Souza, Cleonice Vieira da Costa,
Luzia Cristina Sanches e Rubia Carla do Prado

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

João Cury Neto Presidente
Antonio Henrique Filho Diretor de Projetos Especiais
Devanil Aparecido Tozzi Gerente de Educação, Cultura e Cidadania
Ana Maria Stuginski Chefe do DIEC – Departamento de Integração
Escola Comunidade / Operacionalização do PEF

Equipe Técnica

Ataulfo Santana, Elisabete Barlach, Hamilton Ricardo Santos Souza,
Ivânia Paula Leite Barros de Almeida, Lúcia Mara Mandel e
Thelma Kassner Calil Jorge

Supervisão de Assuntos Institucionais

João Batista Domingues da Costa Supervisor
Luiz Thomazi Filho Revisão de Texto
Glauber De Foggi Projeto Gráfico

Caro Educador,

a leitura desta edição dirigirá seu olhar para a importante e tão necessária participação da sociedade civil, em parceria com a escola, em prol da construção do estado democrático de direitos e deveres, que se torna produto real graças a esforços e, sobretudo, à vivência de sentimentos oriundos da solidariedade e da inclusão.

E aqui vai uma recomendação: não deixe de ler a deliciosa entrevista com a escritora Cecília Meireles, quando poderá conhecer um pouco mais do movimento *Pioneiros da Educação*, cujas sementes foram lançadas por ela, que também era professora, e por outros profissionais da época, companheiros seus, que já buscavam a participação dos pais no processo de integração escola-comunidade. Décadas se passaram, mas é fato que ainda hoje buscamos este modelo

de escola, que valoriza a presença e a cooperação dos pais, uma escola que se torne patrimônio de todos os tempos.

Nas páginas seguintes, poderá conhecer a *Árvores dos Sonhos* do projeto de educação financeira – *Sonhar, Planejar, Alcançar* e, mais adiante, a experiência literária vivida por Walcyr Carrasco e sua paixão pelos livros, que lhe deram passaporte e visto para viajar e criar histórias e personagens.

A mesma paixão que move Walcyr Carrasco também move a DE Sumaré. Ali, educadores promoveram um encontro e histórias foram narradas para a comunidade, por meio da linguagem de libras. Momentos inesquecíveis!

Em outro artigo, será possível conhecer a experiência de quem caminhou pelo *Bosque de Santa Marta* (DE São Carlos) e deixou

fluir sentimentos e sensações, podendo perceber o que antes era desconhecido.

Também saberá o que os Grêmios Estudantis têm realizado nas Diretorias de Tupã, Jales, Santo André e Votuporanga, e como vem sendo feita a parceria entre os gremistas e o Programa Escola da Família.

Nessa esteira de ricas ideias e fatos, deixo com você essa leitura que lhe trará muito mais. Quanto a mim, não posso deixar de reverenciar cada notícia, cada relato, tampouco deixar de expressar meu respeito a Zumbi dos Palmares – símbolo da resistência –, homenageado pelo PEF da DE Votorantim.

Enfim... boa leitura!

Ana Maria Stuginski

Chefe do DIEC/FDE

SEÇÃO 1 CONHECER E APRENDER

- 3 O fazer que pode gerar renda. Confeccionando pufes

SEÇÃO 2 NOSSA GENTE

- 6 Terra chamando, câmbio!

SEÇÃO 3 ARTIGOS

- 18 A gestão participativa na escola pública: tendências e perspectivas

SEÇÃO 4 COMUNIDADE LEITORA

- 25 A história de uma paixão. De leitor a autor
35 Uma colcha de histórias e ações
37 Leitores escritores

SEÇÃO 5 VALE MUITO!

- 39 Projeto de Educação Financeira *Sonhar, Planejar, Alcançar* encerra as atividades do ano
41 1º Encontro Regional de Grêmios Estudantis
42 7ª Virada Inclusiva
45 Caminhar, pensar e criar
46 1º Seminário – Disseminando Boas Práticas. Grêmios Estudantis 2016
47 Encontro de gremistas. Uma ação pela cidadania
49 *Por um outubro rosa*
53 *Um Dia na Escola do Meu Filho*
54 *Um Dia na Escola do meu Filho – Tempo de Brincar*
57 *Virada Inclusiva*

- 58 Livro *Histórias e Receitas* – Edição 2015. Uma parceria com a Fundación Mapfre

SEÇÃO 6 ACONTECE NO PEF

- 60 *Projeto Despertando Estrelas – 2ª edição*
61 Retomada da campanha contra o *Aedes aegypti*
62 *Dia da Consciência Negra: uma data para ser lembrada todos os dias do ano*
65 *Projeto Coletar-te*
66 *Projeto de Entretenimento e Treinamento Paralímpico*
67 Os finais de semana no PEF

SEÇÃO 7 COORDENADAS

- 68 Voluntariado, uma expressão democrática!

SEÇÃO 8 A PALAVRA É SUA

- 77 Depoimentos de quem participou do projeto *Viver com Saúde*

SEÇÃO 9 O PEF NA MÍDIA

- 79 Horizonte educacional – Arte nas escolas
80 *Programa Escola da Família* encerra calendário de 2016 neste fim de semana
81 Livro de receitas é lançado em parceria com a Fundación Mapfre
82 Videoconferência sobre documentário *O Começo da Vida* para os educadores

SEÇÃO 10 FECHO LITERÁRIO

- 83 Ismália

O fazer que pode gerar renda

Confeccionando pufes – DE Carapicuíba

(OPERACIONALIZAÇÃO DO PEF/FDE)



A alegria de criar

Em todo o País, cerca de 8,5 milhões de brasileiros fazem do artesanato o seu negócio, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Juntos, esses microempreendedores movimentam mais de R\$ 50 bilhões por ano.

Fonte: *site* Portal Brasil

Diretoria Regional de Ensino: Carapicuíba

Dirigente: Airton Cesar Domingues

PCNP: Isabel Bonadio

Supervisora: Cristiane Groopo Josemara Bragança

Escola: Tenente Ernesto Caetano de Souza (Cotia)

Vice-diretora: Magda Aparecida de Oliveira Franco

Oficina de artesanato: Confecção de Pufe

Responsável: Magda Aparecida de Oliveira Franco

COMO FAZER:

Material

- 32 garrafas PET de formato igual
- 1 almofada ou travesseiro velho
- 1 rolo de fita adesiva transparente
- papelão
- estilete
- tecido (1,70 cm)
- linha
- agulha
- linha de crochê para bordado (opcional)

PROCEDIMENTO:

Corte 16 garrafas na altura em que afunilam.

Descarte os bicos e encaixe-as nas garrafas que ficaram inteiras.

Separe as garrafas de duas em duas, alternando um bico para cima, outro para baixo. Prenda com fita.





Monte uma fileira com quatro garrafas e reforçe com fita adesiva. Mantenha os bicos alternados.

Junte quatro fileiras de garrafas, formando um quadrado. Reforce cada junção novamente, usando a fita adesiva.

Envolva as garrafas no papelão, usando a mesma fita adesiva para deixá-las firmes.

Faça uma capa bonita com um tecido de sua preferência e enfeite como quiser. Cubra o pufe com ela.



Fazendo o acabamento

“Num ateliê de artista, estão inscritas por toda parte as tentativas, as experiências, os presságios da mão, as memórias seculares de uma raça humana que não esqueceu o privilégio de manipular.”

Ensaio “Elogio da Mão”
Henri Focillon

Terra chamando, câmbio!

IVÂNIA PAULA (TÉCNICA/FDE)

Cecília Meireles

A revista **(in)formação** entrevista **Cecília Meireles**, graças à conexão tecnológica entre a Terra e o céu. A conversa foi literalmente arquivada em uma nuvem. Acreditem!



No olhar, a poesia e a inquietação de quem acredita no poder da vida, da arte e da Educação

(in): Antes de mais nada, obrigada por conceder esta entrevista para a revista eletrônica do *Programa Escola da Família*. É uma emoção falar com a senhora, de sua vida, de seus livros..., enfim, é uma honra!

Cecília: O prazer é todo meu. Já andava mesmo saudosa de poder conversar com alguém da Terra, principalmente sobre o que mais gosto de fazer: escrever.

(in): Então é verdade que continua escrevendo nessa outra dimensão?

Cecília: Sim, e como! Também realizo outras missões, mas sempre arrumo um tempinho para me dedicar à literatura.

(in): Bem, vamos começar falando um pouquinho da vida pessoal. Nome dos pais.

Cecília: Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, e Matilde Benevides Meireles, professora municipal.

(in): Natural de...

Cecília: Rio de Janeiro. Nasci no bairro da Tijuca, em 7 de novembro de 1901. Papai faleceu três meses antes de eu nascer, e mamãe, quando eu ainda tinha três anos. Vovó Jacinta, mãe da minha mãe, foi quem me criou.

(in): Teve irmãos?

Cecília: Tive quatro, mas só eu vinguei, os outros faleceram, ou seja, tornei-me filha única.

(in): Que impactos esses fatos trouxeram à vida da garota Cecília Benevides Meireles?

Cecília: Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a morte, que docemente aprendi as relações entre o efêmero e o eterno. Em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou o sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade.

(in): E a infância, como foi? Quais lembranças guarda dessa época?

Cecília: Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas, o jogo do seu olhar. Mais tarde, foi nessa área que os livros se abriram e deixaram sair suas realidades

e seus sonhos, em combinação tão harmoniosa que, até hoje, não compreendo como se possa estabelecer uma separação entre esses dois tempos de vida, unidos como os fios de um pano.

(in): Fale um pouco da Cecília estudante.

Cecília: Concluí meus primeiros estudos – curso primário – em 1910, na Escola Estácio de Sá. À época, recebi de Olavo Bilac, inspetor escolar do Rio de Janeiro, medalha de ouro por ter feito todo o curso com “distinção e louvor”. Mais adiante quis ser professora e diplomei-me no Curso Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1917. Fui muito feliz no ofício de professora!

(in): E em que momento de sua vida entra a literatura?

Cecília: Desde sempre. O contato com os livros aconteceu muito cedo em minha vida e, aos 9 anos, escrevi minha primeira poesia. Na adolescência já escrevia e, em 1919, aos 18 anos, publiquei meu primeiro livro de poesias, *Espectro*. Em seguida, *Nunca mais*, e, depois, *Poema dos poemas* (1923) e *Baladas para El-Rei* (1925).

(in): Cecília, houve tempo para namoro?

Cecília: Claro que sim! Tanto que, em 1922, casei-me com Fernando Correia Dias, um pintor portu-

guês. Tivemos três meninas: Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda, esta se tornou artista teatral consagrada. Minhas meninas me deram cinco netos. Adorei ser avó, uma experiência que me trouxe prazer e descobertas. Não imaginei que iria gostar tanto! Depois da morte de meu primeiro marido, veio o segundo casamento. Dessa vez foi com Heitor, ele era agrônomo.

(in): Vamos voltar à Educação. Soube que a senhora foi muito além da sala de aula, que trabalhou no *Movimento Escola Nova*. Pode me contar como isso se deu?

Cecília: Bem, eu lecionava em todos os níveis e em todos os graus e sentia a necessidade de trabalhar na concepção de uma nova escola, totalmente democratizada e para todos. Logo após ter criado uma biblioteca infantil no Rio de Janeiro e ter assinado o *Manifesto Pioneiros da Educação* (1932), que foi elaborado por Fernando de Azevedo e apoiado pelos ilustres educadores da época: Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Almeida Júnior, Delgado de Carvalho e Venâncio Filho, passei a integrar o *Movimento Escola Nova*. A minha adesão ao movimento aconteceu porque ele propunha, realmente, essa escola que eu buscava. Significava a concretização de um sonho.

(in): Quais novidades eram propostas no *Manifesto Pioneiros da Educação*?

Cecília: Havia ali importantes propostas, como: defesa do princípio de laicidade; nacionalização do ensino; organização da educação popular, urbana e rural; reorganização da estrutura do ensino secundário e do ensino técnico e profissional; criação de universidades e de institutos técnicos de alta-costura. Esses constituíam alguns dos pontos capitais desse programa de política educacional. Essa política tinha como ambição: fortalecer a obra do ensino leigo; tornar efetiva a obrigatoriedade escolar; estabelecer para as crianças o direito à educação integral, segundo suas aptidões, facilitando-lhes o acesso, sem privilégios, ao ensino secundário e superior; e ampliar, com a reorganização, o enriquecimento, a esfera e os meios de ação do sistema escolar.

(in): Para a senhora, qual o sentido de Educação?

Cecília: Educação, para mim, é botar dentro do indivíduo, além do esqueleto de ossos que já possui, uma estrutura de sentimentos, um esqueleto emocional. O entendimento na base do amor.

(in): Vamos voltar à escritora. Fazer literatura exige muito?

Cecília: Vivo constantemente com fome de acertar. Sempre

quase digo o que quero. Para transmitir, preciso saber. Não posso arrancar tudo de mim mesma sempre. Por isso leio, estudo. Cultura, para mim, é emoção sempre nova. Posso passar anos sem pisar num cinema, mas não posso deixar de ler, deixar de ouvir minha música (prefiro a medieval), deixar de estudar, hindi ou o hebraico, compreende?

(in): A Cecília pessoa possui alguma mania, alguma fixação?

Cecília: Meu vício é gostar de gente. Tenho tal amor pela criatura humana, em profundidade, que deve ser doença. Em pequena (eu era uma menina secreta, quieta, olhando muito as coisas, sonhando), tive tremenda emoção quando descobri as cores em estado de pureza, sentada num tapete persa. Caminhava por dentro das cores e inventava o meu mundo. Depois, ao olhar o chão, a madeira, analisava os veios e via florestas e lendas. Do mesmo jeito que via cores e florestas, depois olhei gente. Há quem pense que meu isolamento, meu modo de estar só (quem sabe se é porque descendo de gente da Ilha de São Miguel*, em que até se namora de uma ilha pra outra) é distância, quando, na realidade, é a minha maneira de me deslumbrar com as pessoas, analisar seus veios, suas florestas.

São Miguel: ilha dos Açores.



Foto: <http://jornaldotrem.com.br/o-ano-para-celebrar-cecilia-meireles/>

Cecília Meireles, 1946

(in): Se não tivesse sido professora e escritora, o que teria sido?

Cecília: Acho que teria sido música. Estudei canto e violino. Abandonei. Era preciso ganhar a vida e poesia se podia criar até numa viagem de bonde. Mesmo nas reuniões em que muita gente discutia, eu era capaz de me ausentar em meu mundo e construir. Aos poucos pude criar a minha Ilha de Nanja*, a São Miguel transfigurada pelo sonho. Acho linda a continuidade humana através da poesia.

Ilha do Nanja: recriação literária, pela escritora, da Ilha de São Miguel, em Açores. “Lugar que permite a redescoberta dos valores humanos extintos pelo cotidiano atribulado, visto que é o lugar que faculta uma meditação sobre a vida e a natureza do ser humano em uma sociedade mais justa e humana.” (ROSARIO, Nilceleia da Silva. *Ilusões do mundo por Cecília Meireles*. São Paulo: Baraúna, 2012).

(in): Há algum livro que considere especial?

Cecília: A *Bíblia*. Só viajo com ela. Ela é uma biblioteca. Tem tudo: história, poesia, religião. Já disse que, se tivesse de escolher o meu livro para uma ilha deserta, levaria a *Bíblia*. Ou... um dicionário. (Risadas.)

(in): Qual poema a senhora escreveu e que considera o seu predileto?

Cecília: Nunca tive um poema predileto. E ele nunca foi escrito. A intenção é que é perfeita. Às vezes, um poema viaja comigo muito tempo, sem ser escrito. Se não lhe der muita importância, vai embora. Tenho muita pena dos poemas que não escrevi. E também muita dos que ainda escrevo (*relembrando: no céu ela continua escrevendo poemas*).

(in): Cecília Meireles teve muitos amigos aqui na Terra?

Cecília: Tive e tenho amigos em toda parte. Mas sou como o Drummond, que é tão amigo quase sem a presença física. Esse meu jeito esquivo é porque eu acho que cada ser humano é sagrado, compreende? Eu sou uma criatura de longe. Não sei se me querem, mas eu quero bem a tanta gente! Sou amiga até dos mortos (risadas). Amiga de muita gente que nem conheci. Você não imagina quanta gente eu levo ao meu lado. E fico emocionada quando penso: como uma criatura recebe tanto de tantos lados, de tantas pessoas, de tantas gerações?

(in): Fale algumas coisas que lhe dão prazer, além de escrever.

Cecília: Viagens, folclore e idiomas. Quando vivia aí na Terra, comprava livros e discos em hebraico. Estudei hindi, sânscrito. O desejo de ler Goethe no original me obrigou a estudar alemão. Estudar idiomas, para mim, não é só para falar, mas para melhor penetrar a alma dos povos.

(in): Que mensagem gostaria de deixar aos nossos leitores?

Cecília: Primeiro, nunca esperem por momento algum na vida. Vivam todos os momentos da melhor maneira que possam. Façam coisas que lhes deem prazer, mas não esqueçam de realizar aquelas que podem beneficiar outras pessoas (na Educação, por exemplo!). Quando adoeci e tive de repousar uma hora depois do almoço, ficava calculando quanto poema deixava de escrever, quanta coisa linda deixava de ler e conhecer, naquelas horas perdidas. Mas aprendi também a renunciar. Segundo, saibam olhar pelas janelas da vida. A felicidade está bem diante delas. Uns dizem que isso não existe; outros, que só existe diante das minhas janelas. Mas eu retruco: existe sim! Só é preciso aprender a olhar.



Cecília na juventude

O QUE CECÍLIA NÃO NOS CONTOU EM SUA ENTREVISTA:

- Militou na imprensa carioca nos jornais *Diário de Notícias* e *A Manhã*.
- Também foi jornalista e tradutora.
- Lecionou Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas (EUA), em 1940.
- Aposentou-se em 1951, como diretora de escola, porém continuou a trabalhar, como produtora e redatora de programas culturais, na *Rádio Ministério da Educação*, no Rio de Janeiro/RJ.
- Tornou-se Oficial da Ordem de Mérito do Chile (1952).
- Realizou numerosas viagens aos Estados Unidos, à Europa, à Ásia e à África, fazendo conferências, em diferentes países, sobre Literatura, Educação e Folclore – era especialista nos assuntos.
- Tornou-se sócia honorária do *Instituto Vasco da Gama*, em Goa/Índia (1953).
- Recebeu o título de *Doutora Honoris Causa* (1953) da Universidade de Délhi (Índia).
- Suas obras foram traduzidas para: espanhol, francês, italiano, inglês, alemão e húngaro.
- Uma escola municipal, no bairro de Cangaíba, São Paulo/SP, recebeu seu nome (1963).
- Fundada a *Biblioteca Cecília Meireles*, em Valparaíso/Chile, em 1963.
- Faleceu em 9 de novembro de 1964.
- Uma cédula de cem cruzados novos, com a efígie de Cecília Meireles, foi lançada pelo Banco Central do Brasil, no Rio de Janeiro/RJ (1989).
- Uma biblioteca infanto-juvenil, no bairro do Alto da Lapa, em São Paulo/SP, recebeu o seu nome (1991).
- Sua poesia foi musicada pelos artistas: Alceu Bocchino, Luis Cosme, Letícia Figueiredo, Ênio Freitas, Camargo Guarnieri, Francisco Mingnone, Lamartine Babo, Bacharat, Norman Frazer, Ernest Widma e Fagner.

OUÇA ALGUNS POEMAS DE CECÍLIA QUE VIRARAM MÚSICAS:

<https://www.youtube.com/watch?v=-xyOd2n6c2s>
(*Motivo* – interpretação de Raimundo Fagner)

<https://www.youtube.com/watch?v=Wp0dZDE5kBc>
(*Retrato* – interpretação de Sandra Félix)

<https://www.youtube.com/watch?v=9NtUVm751ZQ>
(*As meninas* – interpretação/ alunas ECCAA)

<https://www.youtube.com/watch?v=TP7r6Nnczzk>
(*Leilão de jardim* – interpretação de Dércio Marques)

<https://www.youtube.com/watch?v=Jw7c9AqJRmQ>
(*Lua depois da chuva* – interpretação de Alda Casqueira Fernandes)

<https://www.youtube.com/watch?v=3iHfMEMbqkU>
(*Canção* – interpretação de Arnaldo Valle)

PAULO AUTRAN DECLAMA CECÍLIA MEIRELES:

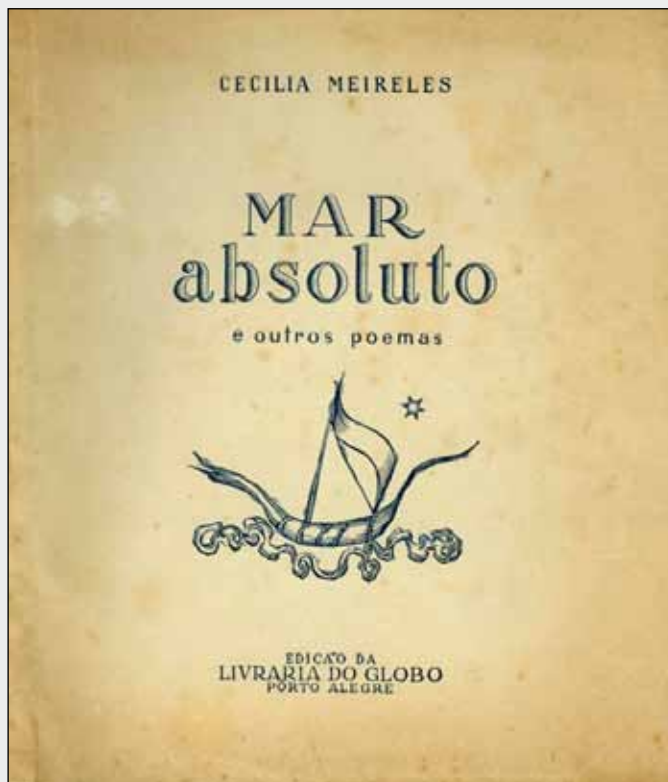
<https://www.youtube.com/watch?v=SI9BATgjC6s&t=2s>

PRÊMIOS

- *Prêmio de Tradução/Teatro* (1962), concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.
- *Prêmio de Poesia Olavo Bilac* (1939), concedido pela Academia Brasileira de Letras, por seu livro *A viagem*.
- *Prêmio Jabuti de Poesia*, pelo livro *Solombra* (1964), concedido pela Câmara Brasileira do Livro.
- *Prêmio Jabuti de Tradução de Obra Literária* (1963), pelo livro *Poemas de Israel*, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.
- Foi agraciada, postumamente, com o *Prêmio Machado de Assis*, pelo conjunto de sua obra, concedido pela Academia Brasileira de Letras (1965).

BIBLIOGRAFIA

- *Criança, meu amor*, 1923
- *Nunca mais... e Poemas dos poemas*, 1923
- *Criança meu amor...*, 1924
- *Baladas para El-Rei*, 1925
- *O espírito vitorioso*, 1929 (ensaio - Portugal)
- *Saudação à menina de Portugal*, 1930
- *Batuque, samba e macumba*, 1935 (ensaio – Portugal)
- *A festa das letras*, 1937
- *Viagem*, 1939
- *Vaga música*, 1942
- *Mar absoluto*, 1945
- *Rute e Alberto*, 1945
- *Rui — Pequena história de uma grande vida*, 1949 (biografia de Rui Barbosa para crianças)
- *Retrato natural*, 1949
- *Problemas de literatura infantil*, 1950
- *Amor em Leonoreta*, 1952
- *Doze noturnos de Holanda & O aeronauta*, 1952
- *Romanceiro da Inconfidência*, 1953
- *Batuque*, 1953
- *Pequeno oratório de Santa Clara*, 1955
- *Pistoia, Cemitério Militar Brasileiro*, 1955
- *Panorama folclórico de Açores*, 1955
- *Canções*, 1956
- *Giroflê, giroflá*, 1956
- *Romance de Santa Cecília*, 1957
- *A Bíblia na literatura brasileira*, 1957
- *A rosa*, 1957
- *Obra poética*, 1958
- *Metal Rosicler*, 1960
- *Poemas escritos na Índia*, 1961
- *Poemas de Israel*, 1963
- *Antologia poética*, 1963
- *Solombra*, 1963
- *Ou isto ou aquilo*, 1964
- *Escolha o seu sonho*, 1964
- *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam no Quarto Centenário da sua fundação pelo capitam-mor Estácio de Saa*, 1965
- *O menino atrasado*, 1966
- *Poesie (versão para o francês de Gisele Slensinger Tydel)*, 1967
- *Antologia poética*, 1968
- *Poemas italianos*, 1968
- *Poesias (Ou isto ou aquilo & inéditos)*, 1969
- *Flor de poemas*, 1972
- *Poesias completas*, 1973
- *Elegias*, 1974
- *Flores e canções*, 1979
- *Poesia completa*, 1994
- *Obra em prosa - 6 volumes - Rio de Janeiro*, 1998
- *Canção da tarde no campo*, 2001
- *Episódio humano*, 2007



Capa do livro *Mar absoluto*

TEATRO

O jardim (1947)

Ás de ouros (1947)

OUTROS MEIOS

Auto do menino atrasado, direção de Olga Obry e Martin Gonçalves. Música de Luis Cosme; marionetes, fantoches e sombras feitos pelos alunos do curso de teatro de bonecos (1947).

Gravação de poemas por Margarida Lopes de Almeida, Jograis de São Paulo e pela autora (Rio de Janeiro/ Brasil; 1956/1964).

Gravação de poemas pelo professor Cassiano Nunes (Nova York – EUA, 1965).

Lançamento do filme *Os inconfidentes*, direção de Joaquim Pedro de Andrade, argumento baseado em trechos de *Romanceiro da Inconfidência* (1972).

É preciso não esquecer nada

CECÍLIA MEIRELES

É preciso não esquecer nada:
nem a torneira aberta nem o fogo aceso,
nem o sorriso para os infelizes
nem a oração de cada instante.

É preciso não esquecer de ver a nova borboleta
nem o céu de sempre.

O que é preciso é esquecer o nosso rosto,
o nosso nome, o som da nossa voz, o ritmo do nosso pulso.

O que é preciso esquecer é o dia carregado de atos,
a ideia de recompensa e de glória.

O que é preciso é ser como se já não fôssemos,
vigiados pelos próprios olhos
severos conosco, pois o resto não nos pertence.



Foto: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/03/1747642-pesquisador-encontra-poema-de-cecilia-meireles-sobre-mulheres-de-portugal.shtml>

Foto: <https://pixabay.com/pt/artes-engenharia/m%C3%A1quina-m%C3%A1quina-m%C3%A1quina-1236578/>

A gestão participativa na escola pública: tendências e perspectivas*

FERNANDO BERALDO
RITA DE CÁSSIA BORGUETTI
(PROFESSORES DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE GARÇA – FAHU/FAEF)

Permitir que a sociedade exerça seu direito à informação e à participação deve fazer parte dos objetivos de um governo que se comprometa com a solidificação da democracia. Democratizar a gestão da educação requer, fundamentalmente, que a sociedade possa participar no processo de formulação e avaliação da política de educação e na fiscalização de sua execução, por meio de mecanismos institucionais. Esta presença da sociedade materializa-se pela incorporação de categorias e grupos sociais envolvidos, direta ou indiretamente, no processo educativo, e que, normalmente, estão excluídos das decisões (pais, alunos, funcionários, professores).

Segundo Paro (2002, p. 12):

A escola, assim, só será uma organização humana e democrática na medida em que a fonte desse autoritarismo, que ela identifica como sendo a administração (ou a burocracia, que é o termo que os adeptos dessa visão preferem utilizar), for substituída pelo espontaneísmo e pela ausência de todo tipo de autoridade ou hierarquia nas relações vigentes na escola.

A administração participativa nas escolas públicas é, então, percebida como sendo um meio capaz de possibilitar maior envolvimento dos profissionais na demo-

cratização da gestão escolar. Há ampla literatura sobre o efeito da democratização da educação no planejamento e na tomada de decisões na prática cotidiana. Desse modo, o foco na escola e no aluno e a probabilidade de autonomia e sucesso da escola são aumentados.

A gestão participativa como espaço de formação

A administração participativa é creditada no alargamento de espaços para incorporar a capacidade criativa e solidária das comunidades escolar e local. Tal prática favorece o despertar de iniciativas e programas a partir das interlocuções, dos diálogos, das críticas e da reflexão, como resposta aos anseios e às necessidades da escola pública e da sociedade que a financia.

Lopes (1997) afirma que a organização escolar do próximo século terá que possuir uma postura de responsabilidade, presteza de decisões, propósitos claros e visão eventualista, como forma de pensar em existir... agilidade, maleabilidade e suas proposições bem definidas pelo consenso do coletivo.

Paro (1995) credita à atividade gestão educacional a mediação do processo de coordenação das ações administrativas e pedagógicas. O pensamento corrente é que a ação pedagógica de qualidade constitui a finalidade

primeira da escola. A participação na gestão da escola será facilitada pela conquista de crescente autonomia pela escola nos domínios da gestão financeira, pedagógica, administrativa e cultural.

Segundo Weffort (1995, p. 99):

[...] a escola que se abre à participação dos cidadãos não educa apenas as crianças que estão na escola. A escola cria comunidade e ajuda a educar o cidadão que participa da escola, a escola passa a ser um agente institucional fundamental do processo da organização da sociedade civil.

A descentralização e a autonomia poderão liderar a iniciativa criadora da escola, permitir que ela se insira mais harmoniosamente no contexto sociocultural da comunidade e reduzir os controles burocráticos inúteis que a fazem perder tempo. Para isso, é imprescindível que o poder descentralizado, transferido oficialmente à responsabilidade das unidades escolares, seja respeitado pelas autoridades dos níveis superiores. A descentralização e autonomia efetiva das escolas criam a condição facilitadora básica da possibilidade de sua gestão colegiada. Sua prática constitui a garantia de uma inserção dinâmica do sistema escolar no sistema social global, as-

segurando a supressão das disfunções burocráticas entre os participantes do ensino e transformando-se numa relação de colegialidade.

Com a autonomia, criam-se novas relações sociais opostas às relações autoritárias preexistentes. A autonomia nega a uniformização e celebra a diferença, valorizando a originalidade e o novo, também buscando o intercâmbio com outras experiências sociais. Autonomia, democracia e cidadania são conceitos que implicam mutuamente. Cidadão é aquele que participa do governo; aquele que tem poder, liberdade e autonomia para exercê-lo.

A descentralização e autonomia das escolas abrem espaço para participação e democratização do sistema público de ensino. Estas formas práticas de formação para cidadania se dão de modo privilegiado na participação, no processo de tomada de decisão dentro do colegiado da escola.

Segundo Gadotti (1995, p. 202):

[...] a descentralização e autonomia caminham juntos. A luta pela autonomia da escola insere-se numa luta maior pela autonomia no seio da própria sociedade. Portanto, é uma luta dentro do instituído, contra o instituído, para instituir

outra coisa. A eficácia dessa luta depende muito da ousadia de cada escola em experimentar o novo caminho de construção da confiança na escola e na capacidade dela de resolver seus problemas por ela mesma, confiança na capacidade de autogovernar-se.

Para não se alegar a apatia das massas, é preciso que a participação de pais e membros da comunidade no colegiado da escola se constitua numa estratégia explícita da administração. Para facilitar a participação é preciso conscientizar os pais de seus direitos de participação, programar as reuniões para horários adequados e realizá-las em locais confortáveis.

A gestão democrática supõe a descentralização do poder para a instância da unidade escolar, eliminando as incontáveis instâncias de poder intermediário. A comunicação direta com as escolas parte do pressuposto de que a escola é o locus central da educação e, por isso, deve tornar-se o polo irradiado da cultura, para reproduzi-la e para elaborá-la. A autonomia implica que cada escola tenha poder para escolher e elaborar seu próprio projeto de intercâmbio com outras experiências sociais. Autonomia, democracia e cidadania são conceitos que implicam mutuamente. Cidadão é aquele que participa do governo; aquele que tem poder, liberdade e autonomia para exercê-lo.

A descentralização e autonomia das escolas abrem espaço para participação e democratização do sistema público de ensino. Estas formas práticas de formação para cidadania se dão de modo privilegiado na participação, no processo de tomada de decisão dentro do colegiado da escola.

A autonomia implica que cada escola tenha poder para escolher e elaborar seu próprio projeto educativo. A avaliação permanente do desempenho escolar precisa tornar-se parte essencial do projeto educativo para adquirir um sentido emancipatório. Cabe lembrar que a educação é um processo coletivo. Pais e escolas têm responsabilidades legais em relação à educação das crianças, mas esta ocorre tanto dentro como fora da escola. A coordenação destes elementos da educação é importante. Ora, é no colegiado da escola que pais e educadores profissionais se encontram para definir os rumos do processo educacional.

A comunicação entre a equipe escolar, os pais, os estudantes e seus familiares é uma das estratégias usadas para estabelecer uma prática escolar participativa. A partir de uma visão comum, as pessoas definem objetivos, metas, caminhos teóricos e práticos a serem seguidos. Elas constroem o Plano de Desenvolvimento da Escola, os projetos financeiros e pedagógicos de forma mais abrangente e realista.

A comunicação aberta e clara pode ser uma estratégia eficiente capaz de promover uma certa visão de conjunto e facilitar a possibilidade de integrar a comunidade escolar consigo própria, dentro de seus próprios muros e com a comunidade local.

A comunidade de educadores encontra no modelo de gestão colegiada a oportunidade para influenciar a natureza de seu trabalho de forma bastante poderosa. Os professores estão representados no grupo de política da escola, o qual é responsável pela aprovação da missão, da política, do plano estratégico e das prioridades.

Em todas estas definições deverá haver um adequado envolvimento dos professores nas atividades que conduzirão às decisões. Também cabe aos professores encaminharem propostas para a consideração do grupo de política, ou seja, para o colegiado escolar. Como a principal fonte de competência na área de política curricular na escola, os professores municiarão o colegiado em seu processo de política sobre a escolha de estratégias de mudança curricular de longo prazo, a preparação de planos e prioridades para o ano seguinte e a avaliação do programa numa base cíclica.

Por outro lado, a cultura da escola abre espaço para a possibilidade de desenvolvimento profissional do professor na própria escola, especialmente através da prá-

tica reflexiva. A teoria ajuda a organizar a experiência, mas em si mesma é insuficiente para guiar a prática. A cultura da gestão colegiada fornece a oportunidade para a prática reflexiva, criando condições para professores, pais e alunos refletirem sobre suas próprias ações e definirem diretrizes para o funcionamento eficiente da escola para a eficácia do processo pedagógico.

Devemos sempre lembrar que a tarefa educativa essencial da escola é educar os alunos para os valores da democracia. O processo democrático pode assegurar a participação das pessoas envolvidas e seu consequente comprometimento com decisões tomadas. Uma segunda razão para a escola incorporar o espírito democrático é que os valores de inclusão, justiça, participação e diálogo, essenciais à democracia, também são inerentes às escolas efetivas. Uma democracia é uma comunidade inclusiva, ou seja, procura fazer as pessoas tomarem parte do processo, reconhece a diversidade entre seus membros e, em nome do princípio de exclusividade, abre as portas à participação e faz as pessoas se sentirem parte da comunidade. Em nome deste princípio, o colegiado escolar precisa abrir-se ao debate de tópicos importantes para sua comunidade, discutir todos os lados das questões, alocar tempo suficiente para discussão dos problemas e abrir

espaços para a participação de pais e alunos no debate das questões básicas da escola.

Numa sociedade democrática, cada pessoa se sente responsável por si e pelos outros. Na democracia há lugar para os interesses individuais, sem exclusão de uma agenda comum para a sociedade. Uma sociedade democrática estabelece elos entre os interesses individuais e os coletivos. Sem interesses coletivos não há sociedade ou comunidade. Neste contexto, cada membro da sociedade ou comunidade precisa perguntar-se o que pode fazer para aprimorar seu ambiente ou comunidade. Ensinar a responsabilidade para com a comunidade é tarefa de todos os membros da escola. A democracia promove o discurso e o debate num ambiente civilizado. Numa democracia todos podem concordar, discordar e debater os problemas até chegarem a certo consenso. Este debate precisa ser conduzido com civilidade, o que não exclui paixão. Mas, uma vez encerrado, deverá haver respeito pelas diferentes opiniões e um envolvimento construtivo. No contexto da escola, a civilidade significa a capacidade de ouvir e promover o discurso de todos os grupos, independentemente de suas posições.

Segundo Calabrese e Barton (1994, p. 10):

Quando uma escola não permite o engajamento construtivo e não abre aos estudantes ou professores um espaço para afetar a mudança, dá-se a violência na forma de vandalismo, o antagonismo às autoridades e o repúdio dos princípios democráticos.

Por fim, as escolas éticas e democráticas são lugares onde prevalece a justiça; onde se cultiva a equidade; onde a integridade é a força motriz em todos os relacionamentos. Onde a plena participação de pais, alunos, comunidade, enfim, é a expectativa de que a inclusão seja a norma e que a distribuição dos recursos se dê de forma equitativa para correção de injustiças.

REFERÊNCIAS

CALABRESE, R. L.; BARTON, A. Democracy: back to the future. Buletin, 78, 1994.

GADOTTI, M. A autonomia como estratégia da qualidade de ensino e a nova organização do trabalho na escola. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOPES, J. Uma introdução ao estudo da escola do terceiro milênio: a escola contingencial. Revista de Administração Educacional, Recife, v. 1, n. 1, p. 1-88, 1997.

PARO, V. H. Administração escolar: introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Por dentro da escola pública. São Paulo: Xamã, 1995.

WEFFORT, F. Escola, participação e representação formal. Petrópolis: Vozes, 1995.

JOLIBERT, J. Formando Crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

*Fonte: *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia* (Faculdade de Ciências Humanas de Garça FAHU/FAEF e Editora FAEF), v. 5, n. 10, jul. 2007). Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/SU3onzBiYiLUhza_2013-6-28-15-24-32.pdf>.

PARA SABER MAIS...

Conheça os vídeos:

O projeto Gestão Democrática da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo:

<https://www.youtube.com/watch?v=DwafGJEwl7o>

Fazendo Escola – a história e os caminhos da gestão escolar:

<https://www.youtube.com/watch?v=IcTVOtoCH-4&t=51s>

Ambos os vídeos poderão ser assistidos nas reuniões semanais e discutidos com os educadores do PEF.



Foto: <http://rd1.com.br/walcyr-carrasco-nega-que-vai-supervisionar-texto-de-nova-autora-da-globo/>

A história de uma paixão. De leitor a autor

WALCYR CARRASCO*

Meu amor pelos livros teve início quando eu era menino. De repente, como acontece com o viajante que, ao dobrar uma curva, se depara com uma paisagem magnífica e surpreendente. Eu tinha cerca de 11 anos de idade. Meus pais, João e Angela, não tinham o hábito da leitura. Ele ferroviário, ela pequena comerciante e dona de casa. Família modesta. Morávamos em Marília, interior de São Paulo, no início da década de 1960. Hoje, a cidade cresceu e tornou-se um centro estudantil. Na época, nem havia transmissão de televisão. Meu universo era limitado, como o da maior parte dos garotos de lá. À noite, as crianças brincavam na rua, enquanto os casais, sentados às portas das casas, conversavam. Eu morava em uma esquina, minha amiga Heloísa na outra. Era comum a venda de livros de porta em porta. Considerava-se elegante ter uma coleção de livros bem encadernados em couro nas estantes das salas. Mas só entre

os mais ricos. E minha família estava distante de ser rica. Nem tínhamos estante, e um dos pés do sofá da sala era apoiado em tijolos. O pai de Heloísa era professor, filho de médico. A família dela não tinha dinheiro, mas uma proximidade maior com a leitura. Seu Renato dava aulas para crianças do primeiro grau em uma fazenda. No quarto dos garotos, irmãos de Heloísa, havia uma estante com coleções encadernadas. Entre elas, a de Monteiro Lobato. Um dia, Heloísa me emprestou *Reinações de Narizinho*. Nem lembro como surgiram o assunto e a vontade de levar o livro. Aconteceu talvez porque falávamos de histórias de fadas e ela deve ter feito algum comentário sobre o livro, que me despertou a curiosidade. Comecei a lê-lo. Depois de algumas páginas, estava mergulhado no mundo fascinante de Lobato. Em pouco tempo, devorei a coleção inteira. Posso afirmar que Monteiro Lobato foi tão importante na minha formação como a educação que meus pais me ofereceram. E também a que recebi na escola. Um livro pelo qual alguém se apaixona é assim: transmite valores e uma forma de pensar. Lobato fez com que eu fosse transportado de um universo limitado para um mundo mágico construído por palavras, repleto de ideias libertadoras. Ele me fez pensar. Até então, muito do que eu ouvia e acreditava vinha de alguém mais velho. Eu pensava por meio de

frases feitas, conceitos transmitidos como expressões da verdade. À medida que me apaixonei por Lobato, fui influenciado absolutamente pela boneca Emília. Passei a questionar o que me diziam, as verdades absolutas que, descobri, não eram tão verdades assim. Emília é uma das grandes personagens femininas da Literatura Brasileira, na minha opinião. E um dos meus livros prediletos até hoje é *A reforma da natureza*, no qual a boneca resolve mudar o mundo. Arranca pernas até das pobres centopeias, que não têm motivo para possuírem cem pés. A minha personalidade ganhou novos contornos. Por que as coisas tinham que ser assim ou assado? Era o que eu me perguntava, como fazia Emília.

Minha mãe se surpreendeu. Sentiu uma transformação nítida em meu modo de ser. Ela só tinha ido à escola durante três anos. Filha de imigrantes espanhóis, parou de ir à escola, menina, no antigo primário, para colher algodão. Talvez por ser pequena comerciante, era boa de números, contas, catálogos. Buscou a explicação para minha mudança onde lhe pareceu mais óbvio: os livros que eu devorava, um atrás do outro. Mamãe até então não tinha o hábito da leitura. Mas leu Lobato, interessada em descobrir de onde tinha vindo minha mudança de tímido e silencioso para “perguntadeiro” e cheio de opiniões. E, um dia, lamentou-se em voz alta: “Você era

um menino tão quietinho! Depois que conheceu a Emília, ficou igual a ela, respondão!”

Tarde demais. O questionamento já estava impregnado na minha personalidade. Devorei a estante do pai de minha amiga. Incluindo as obras do Lobato adulto. Passei a afirmar: Quando crescer quero ser escritor, como Monteiro Lobato.

A família se preocupava. Eu sobreviveria como escritor?

A vontade de ler tornou-se parte da minha vida. Ouvi falar que a cidade tinha uma biblioteca. Descobri onde era. Pequena, escura e silenciosa. Entrei.

– Eu queria um livro – expliquei.

– Que livro? – perguntou o bibliotecário.

Eu não sabia responder. Só consegui exclamar:

– Livros!!!

Ele sorriu. Pediu que eu esperasse. Voltou com três livros pequenos, para minha idade. Sentei-me e li, li. A tarde toda. Só fui descoberto horas depois por meu irmão. Minha família toda me procurava. Eu havia desaparecido por horas. Mamãe preocupada. Levei bronca por sumir sem avisar. Mas agora eu sabia onde era a biblioteca!

As condições financeiras de minha família eram muito modestas. Mas presente de Natal ou aniversário, para mim, agora eram livros. Tenho até hoje os volumes dos *Contos de Andersen*, com belíssimas ilustrações, que

ganhei nessa época. Os contos nunca saíram da minha cabeça, e, mais tarde, fiz questão de escrever minha própria versão. Tornei-me um franco-atirador literário. Simplesmente devorava o que aparecia. Fundamentado por minha própria vivência, hoje, acho muito discutível dizer que um livro não é adequado para determinada idade. Não creio que os livros estejam divididos entre bons e ruins, mas entre aqueles que fascinam ou não um leitor em dado momento de sua vida. O hábito da leitura implica um processo de sedução. Os primeiros livros têm, por assim dizer, que “fisgar” o leitor, para que mais tarde ele se disponha a usufruir dos mais complexos. Quando alguém cria uma relação intensa e profunda com os livros, ler se torna parte de sua vida. Li *Gabriela*, de Jorge Amado, aos 13 anos. E, depois, toda a sua obra. Claro que, para um adolescente, Gabriela naquele momento era... hum... Vou usar a palavra “instigante”, para evitar alguma mais erótica. Eu estava descobrindo minha sexualidade, e Jorge Amado enchia minha cabeça de fantasias. E, não nego, meu corpo. Mas foi um livro de formação. Eu vivia em um ambiente restrito, com conceitos morais rígidos. Em *Gabriela*, são contrapostos dois modos de ver a vida. O do coronel que mata a mulher, ao ser traído, e o do turco Nacib, que perdoa a traição de Gabriela. O livro foi tão forte para mim que,

há poucos anos, eu o adaptei para a televisão. Simplesmente era uma obra que eu queria fazer e, quando soube do projeto, abri mão de minhas férias para escrever o roteiro da nova versão desse livro.

Ainda em Marília, passei a pedir emprestados livros de amigas da mamãe, possuidoras de coleções encadernadas. Houve um episódio quase trágico e outro deliciosamente malicioso. Começarei pelo malicioso. Uma delas tinha a coleção completa de *As mil e uma noites*. Até então eu só conhecia adaptações, muito infantilizadas. Não sei dizer a que tradução eu me refiro agora. Mas era boa, mantinha a história original na íntegra. (Embora provavelmente a partir do francês e não do árabe, como a publicada atualmente.) Era erótica. Comecei a ler no quarto, de portas fechadas! Mas minha mãe, oh! Também havia criado um interesse pelos livros e acompanhava os que eu gostava. Suspeitou da porta trancada. Quis ler também. Assustou-se: “Você não tem idade para ler essas coisas.”

Tomou-me. Reclamou com a vizinha, que me emprestara. E, traidora, leu toda a coleção. Em breve, havia um movimento de senhoras do bairro lá em casa, pedindo emprestados e devolvendo os volumes. Faziam seus comentários em voz baixa. Sherazade povoou a imaginação daquelas mulheres! Passavam a tarde com

os livros na mão, conversando. Eu era expulso, se tentava ouvir. Afinal, era assunto só entre mulheres! Até hoje eu me pergunto quantas daquelas senhoras passaram a ser leitoras, fascinadas por aqueles primeiros livros. Outros devem ter entrado em suas vidas, já sob um novo olhar. Pois agora descobriam o prazer da leitura. E que o livro não se tratava apenas de um enfeite na estante. Nem uma obrigação árdua. Mas de uma possibilidade de conhecer outras vidas, deixar a cidadezinha do interior para atravessar os desertos árabes. Para mim, como já disse, a criação de um sentimento prazeroso propicia o hábito da leitura. Muitas vezes, na sala de aula, o livro surge como uma imposição, como um inimigo a ser enfrentado, eliminado o mais rápido possível da vida do estudante. Para essas mulheres, que transformaram *As mil e uma noites* em objeto de fofocas, não importou a curiosidade erótica que as tinha levado a ler. Estou certo de que os livros ganharam uma grandeza soberana nas vidas de muitas delas.

Houve também uma história quase trágica. Mostra o impacto emocional que um grande livro pode causar. Uma vizinha emprestou-me uma tradução de *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë. Tão linda que, confesso, nunca devolvi. É ilustrada por xilogravuras e guardo até hoje com carinho. E também com um sentimen-

to de justiça, pois a proprietária deixava o livro embaixo do sofá. Salvei o volume! Confesso: quando um livro é apaixonante, meu desejo é tê-lo como algo precioso. A simples visão do título me desperta lembranças da história, dos momentos de cumplicidade para com o escritor. Logo após eu ter lido *O morro dos ventos uivantes*, foi a vez de mamãe. Agora lia tudo o que eu lia! Na época, estava grávida de meu irmão mais novo. Um filho temporário, com 12 anos de diferença em relação a mim. Impressionou-se com a cena em que Heathcliff, o herói-vilão que retorna anos depois ao local onde foi criado e descobre que seu grande amor, Catherine, morreu. Exuma seu cadáver para tê-la nos braços mais uma vez. Acredito que mamãe não tivesse noção da existência de paixões tão intensas e trágicas. Ficou de cama, emocionalmente envolvida com a história. Temeu perder o bebê, os sentimentos em ebulição. Um livro pode causar impactos emocionais profundos, não é? Ler é compartilhar sentimentos, experiências, a imaginação, e os lados luminosos, mas também obscuros, do autor. Entregar-se a um livro é estar presente em outras vidas. Mamãe teve a tal crise de nervos, comentada ainda muitos anos depois. Presa nas emoções dos personagens de uma charneca inglesa, em um mundo muito distante do seu. Mas que, em seu coração, ela compartilhou.

Eu estudava em uma escola pública. Também lá, abriu-se outra frente de leitura. Minha professora de português, dona Nilce, passou a andar pelos corredores com um carrinho cheio de livros. Entrava na classe, chamava os alunos em ordem alfabética. Cada um escolhia qual livro preferisse. Não havia trabalho obrigatório. Nem mesmo perguntas a respeito de cada texto. Só a liberdade de escolher. O que fez, foi por intuição. A simples exposição dos livros, o direito de escolha, sem a obrigação de um trabalho para ganhar pontos, formou novos leitores. Muito mais tarde, já adulto, encontrei um grande amigo da época de escola. Engenheiro. Comentou: “Sabe, aquela época em que a gente lia bastante ajudou muito na minha carreira. Sempre tive facilidade para escrever relatórios, documentos, planos de trabalho.”

Imagino o esforço que minha professora fazia para transportar tantos volumes pelos corredores, escadas acima e abaixo. Mas o fez com sabedoria, ao instituir o direito de escolha entre os alunos. Eu acredito, sim, nesse direito. É melhor alguém optar por um livro aparentemente “ruim”, mas que lhe provoque interesse, do que ser forçado a atravessar arduamente as páginas de um título imposto de cima para baixo. Sempre repito, quando dou palestras para educadores: livro não é remédio, que deve ser engolido à força.



Discordo da concepção de que um leitor só se forma a partir de livros “bons”. A experiência da leitura é sólida quando proporciona um contato emocional intenso. Recentemente estive no prêmio Vivaleitura, do MEC e do MinC. Participei de um debate com os finalistas, educadoras de todo o país, responsáveis por projetos importantes de incentivo à leitura. Uma delas contou: “Comecei a gostar de ler por causa das fotonovelas.”

Para quem não sabe, fotonovelas eram revistas com histórias de amor. Apresentadas em fotografias, como histórias em quadrinhos, cena a cena. Os atores-modelos fotográficos faziam expressões dramáticas. Nuvenzinhas com as falas. No final, o beijo entre herói e heroína! As revistas especializadas, como a *Sétimo Céu*, mostravam amores intensos, vilãs, paixões impossíveis.

Estavam muito distantes do que se considera boa literatura. Nem tinham essa pretensão. Eram só honestas e simples histórias de amor, com um público fiel e romântico. Senti prazer ao ouvir a educadora contar que se apaixonou pela leitura a partir das fotonovelas. O hábito de ler nasceu aí, e ela não parou mais. Reforçou minha certeza de que a formação de leitores está relacionada com uma experiência a ser desfrutada. À medida que o leitor se sofisticava, exigia livros mais elaborados, que o façam pensar, refletir sobre a vida e a condição do ser humano. Mas não foi o mesmo que Lobato fez comigo quando eu era pré-adolescente, quando li meus primeiros livros? Não foi a partir da Emília que passei a olhar a vida de forma diferente?

Minha mãe era presbiteriana, e meu pai, de família católica, não frequentava a igreja. Mas até a Bíblia eu aprendi a desvendar como um romance. É interessante como o Velho Testamento, documento literário milenar, traz histórias com estruturas narrativas e psicológicas que até hoje usamos. Uma delas é a de José e a mulher de Potifar. Resumindo: apaixonada pelo belo rapaz, escravo de seu marido, ela tenta seduzi-lo. José, por fidelidade ao amo, resiste. Ela então rasga as próprias roupas. Quando o marido chega em casa, ela acusa José de tentar violentá-la. José volta a ser vendido como escravo.

Humm... convenhamos. Quantas vezes essa cena não foi repetida, e continua sendo, em filmes e novelas? A vilã finge que o herói tentou agarrá-la à força. Este é castigado injustamente. Mais tarde levará a melhor. Estruturas narrativas como essa são impactantes. Também estruturaram nossa maneira de pensar e, em consequência, agir. Não só de forma individual, mas em toda a civilização judaico-cristã. Há belas histórias, mesmo em um livro fundamentalmente religioso, como a Bíblia.

Foi positivo, hoje reconheço, não ter tido pais repletos de teorias sobre o que se deve ou não ler. A não ser no malicioso episódio das *Mil e uma noites*, que fez muitas donas de casa de Marília sonharem com sultões, eu tinha liberdade. Como na maior parte das vezes mamãe lia os livros depois de mim, ela só comentava que “era muito forte!” para minha idade. Tarde demais! Eu descobria títulos e autores em conversas. Falar de livros fazia parte de meu cotidiano, e, simplesmente, quem gostava de ler dividia seus interesses comigo. Às vezes eu descobria um autor somente pela curiosidade que surgia em alguma informação aleatória. Desfrutei Graciliano Ramos, José de Alencar e Machado de Assis antes dos 15 anos. E Guy de Maupassant, Flaubert, Jane Austen. Ao lado de Júlio Verne, Kipling e a Condessa de Ségur, inesquecível autora francesa de livros infantis, hoje menos

lida por aqui. Descobri Kafka por causa de uma professora substituta, impactada por *Metamorfose*. Conversou comigo no corredor, por saber que eu gostava de ler, impressionada pela transformação do personagem em inseto. Corri até a biblioteca pública para buscar Kafka!

O prazer que esses livros me proporcionaram prolongou-se por toda a vida. A alguns, eu sempre quis voltar. Tanto que, em determinado momento, quando já tinha muitos livros publicados e era um nome conhecido da televisão, concluí: Preciso escrever melhor.

E me dediquei à tradução e à adaptação de alguns títulos que marcaram minha adolescência: a obra de Júlio Verne; *Dom Quixote*, de Cervantes; *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho; e *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Aprendi a me tornar um leitor diferente. Mergulhei na obra, descobri a arquitetura única de cada autor. É uma maneira intensa de travar contato com um livro. Mas, posso garantir, inesquecível.

Suspeito muito de livros que contêm uma mensagem explícita. Quase como uma fábula de Esopo, com a moral no fim. Ou algum título religioso, igualmente preocupado em dar um conselho, um ensinamento. São livros objetivos como bulas de remédios. A trama é apresentada como um teorema matemático. Criada para se chegar àquela conclusão.

Lembro que li, muito cedo, *E o vento levou* (mamãe também, óbvio). Analisada friamente, a trama é racista. É contra o fim da escravidão nos Estados Unidos. Mostra a formação da Ku Klux Klan, a partir de uma tentativa de ataque sexual executado por um negro contra a protagonista, Scarlett O'Hara. De que lado o leitor fica? Mas Scarlett é, sim, uma grande personagem. Não foi por devorar *E o vento levou*, ainda adolescente, que me tornei conservador. Eu admiro até hoje Scarlett, com sua coragem de lutar contra as convenções, pelo direito de ter sua própria vida. Também, em certa época, apaixonei-me por *Pimpinela escarlata*. Nunca mais encontrei os livros sobre esse herói que defendia os aristocratas contra os malvados que fizeram a Revolução Francesa! Neles, os aristocratas eram mostrados como anjos. Os revolucionários, como demônios. Não é possível que haja personagem mais reacionário. Eu adorava! Mas nunca fui contra a Revolução Francesa, imaginem. Ao contrário: tenho o pendor de gostar de revoluções e revolucionários. Influência da Emília, certamente! Bobagem dizer que um livro torna alguém, mesmo em formação, isso ou aquilo. Ao longo da vida, lemos vários livros que nos ajudam a compor um painel próprio, a pensar o mundo sob uma ótica individual. Um livro não deve ser escolhido em função

de alguma mensagem a ser enfiada com uma cunha na cabeça dos pobres leitores. Qualquer tema pode ser debatido. Outros livros se seguirão, compondo esse painel multifacetado.

Quando menino, meu maior sonho, depois de tantos livros, era possuir uma estante. Só pudemos comprá-la três anos depois de minha iniciação à leitura, em uma loja de móveis usados. Lembro com carinho do pequeno móvel, com apenas três prateleiras, em meu quarto. Meus livros, pela primeira vez ordenados em filas. Foi uma conquista. (Hoje, observando a absoluta bagunça dos milhares de volumes que possuo, creio que esse sonho, em especial, deveria ter sido mais acalentado.) Ainda me lembro de mim mesmo, sentado no chão, com as pequenas pilhas de livros. Organizava por autores. Punha nas prateleiras. Alguns, como os de Lobato, cuja coleção fiz mais tarde, em brochura, eu encapava em papel pardo, para protegê-los. Tenho até hoje os volumes, comprados à época. Um por mês, era só o que eu podia gastar. Já adulto, poucos anos atrás, encontrei a coleção original, encadernada em verde, em um sebo. Igual à de minha amiga! Comprei. Eu queria retomar o contato presente na memória, tocar naqueles volumes iguais aos de minha infância, sentir como tinha me sentido então.

Se falo demais de mim, é por acreditar que sou a prova viva de que livros transformam a vida de uma pessoa. Hoje sou um escritor premiado na literatura, no teatro e na televisão. Bastante conhecido, embora não goste de usar a palavra famoso. Mas dou autógrafos na rua, em aeroportos, o que é raro para um autor nacional. Quem seria eu se aquele primeiro livro de Lobato não tivesse chegado às minhas mãos? Sempre me pergunto: eu seria eu, como me conheço agora? O desejo de ler começa pela exposição aos títulos, por ver, tocar, folhear, cheirar. Um deles despertará a curiosidade, sem dúvida. Um será escolhido. Quem sabe marcará o primeiro passo de uma grande transformação, como a minha. Hoje em dia, há novos suportes tecnológicos para os textos. Particularmente, ainda prefiro os livros impressos. Quando entro em uma livraria, sinto que estou em meu lar. Também passo horas em sebos, percorrendo as estantes. Muitas vezes redescubro autores da minha infância, pouco publicados atualmente. Todos, eu reli. Alguns reli muitas vezes, como Machado de Assis. E já busquei todos os indícios possíveis para descobrir se Capitu, afinal, traiu ou não. Como um autor pode ser tão genial? Há indicações precisas nas duas direções. Fica a questão: como vemos o outro, afinal? Nossas percepções são reais ou frutos da imaginação? Bentinho sabia da traição de Ca-

pitu ou cometeu o maior erro de sua vida? Livros como esse tornam-se objetos amados que, muitas vezes, gosto apenas de contemplar. Ver a capa. Pegar na mão. Admirar uma nova edição, tão linda! Gosto de escrever em meu escritório, cercado por estantes e – eu não disse? – livros empilhados no chão.

Já tenho mais de 60 anos. Desde aquele primeiro volume de Lobato, os livros tornaram-se parte integrante da minha vida. Estão na minha memória afetiva. O que pode ser mais importante? É nela que buscamos nossas referências durante o percurso da vida. Insisto. Para se formar um leitor, é preciso que o livro se torne presente na sua memória afetiva. Como aconteceu comigo. Todas as outras coisas acontecerão em um processo de formação e evolução, sem sobressaltos. A não ser as causadas pelas intensas experiências emocionais e pelos questionamentos que nos proporciona a literatura. Forma-se uma conexão. Provo. Ainda hoje, cada vez que abro um livro novo e sinto aquele cheirinho de papel, vem um sentimento cálido, com ecos da minha infância e adolescência. Não é apenas um livro. Mas uma parte boa da minha vida, ali presente. O livro para mim não é apenas um objeto. É um ser vivo. Um amigo pronto para me conduzir por meio de suas páginas para uma nova experiência existencial, que terei prazer em compartilhar.

* Formou-se em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Por muitos anos, trabalhou como jornalista nos principais órgãos de imprensa do País, ao mesmo tempo que iniciava a carreira de escritor com histórias para a revista infantil *Recreio*. Aos 28 anos, publicou seu primeiro livro – *Quando meu irmãozinho nasceu*. Viriam depois muitos outros que lhe valeram diversas menções da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e outras obras para o público adulto. Como autor de teatro fez diversos trabalhos e ganhou com *Êxtase* o Prêmio Shell de Melhor Autor no Rio de Janeiro. Na televisão, como autor de novelas, começou no SBT e, na Rede Globo, realiza trabalhos até hoje, sendo autor da novela *Êta Mundo Bom* (2016). Atualmente, Walcyr Carrasco escreve crônicas semanais na revista *Época* e recentemente lançou seu primeiro romance, *Juntos para sempre*. Tamanha produção lhe rendeu a cadeira número 14 na Academia Paulista de Letras.

Fonte: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. São Paulo: Sextante; Instituto Pró-Livro, 2016, p. 46-56.

Foto: <http://aguinaldosilva.com.br/2016/09/30/walcyr-carrasco-o-homem-certo/>



Uma colcha de histórias e ações

DE Suzano

VALDINEA CILENE VICENTINI (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)
ANA CAROLINA MORO (ANALISTA SOCIOCULTURAL)

Durante o ano de 2016, o *Projeto Comunidade Leitora* foi “juntando” pessoas e histórias, tecendo uma “colcha de leitores” que entrelaçou texto, memórias e vidas.

A cada final de semana, nossa colcha ganhava detalhes, pedras preciosas, fitas e adereços que enriqueciam cada ação realizada. Diferentes linguagens que alcançavam diferentes públicos, contação de histórias, teatros, exposições etc. Ações que conquistavam e traziam para nossas comunidades momentos de prazer, leveza, alegria, solidariedade, amor e magia.

Ao sermos convidados a fazer parte do Encontro de Socialização de Boas Práticas: “Colcha de leitores: entrelaçando histórias das Salas de Leitura da DE Suzano”, iniciamos a costura de uma única colcha, unindo as histórias de cada escola. Então percebemos o alcance e o colorido de nossa comunidade.



Porque ler é viajar sem sair do lugar!

Com muito carinho, tecemos cada ação com a linha do amor – linha forte que não permite que a costura se desfça e que fortalece o entrelaçamento de nossas escolas em um único objetivo. Nosso propósito era fazer o melhor para nossa comunidade, acolhendo leitores de todas as idades.

E assim, com simplicidade, apresentamos nossa colcha com muito carinho e criatividade e oferecemos um espaço diferenciado, que honrou o nome que nos foi dado pela equipe da Sala de Leitura: “Fios que tecem colchas para um piquenique em um dia de verão... Comunidade Leitora”.

Com a linha resistente do amor e com o brilho das pedras preciosas, finalizamos a colcha da Comunidade Leitora de 2016. E, com novos sonhos, desejos e histórias, iniciaremos uma nova colcha em 2017. Desejos de possibilidades infinitas, histórias maravilhosas, magia e encantamento, que são marcas da Comunidade Leitora da região de Suzano.

E o que dizer de nossa *II Mostra Cultural* – trabalho realizado com o apoio da equipe do Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino, nas figuras de Gelson Ro-

cha e Eliana Florindo? Tudo começou com o desafio proposto pela Coordenação Geral, na videoconferência “Preparando agosto – mês do folclore”. Levamos adiante a ideia de realizar uma ação em parceria com a semana letiva, oportunidade em que desenvolveríamos o tema “Cultura Popular” e cada escola representaria um Estado da Federação, pesquisando sua cultura e tradições.

Todo o tema foi trabalhado em formações com a equipe do Núcleo Pedagógico e com a presença dos vice-diretores do *Programa Escola da Família* e de professores da semana letiva. Após o período de pesquisa e ensaios, marcamos a apresentação dos trabalhos e, no dia, contamos com a presença de todas as escolas (equipes, alunos e comunidades), que realizaram maravilhosas *performances* artísticas. Nessa data celebramos os treze anos do *Programa Escola da Família*.

A ação aqui apresentada simboliza, de forma engajada, as diretrizes do *Programa Escola da Família*: integração com a semana letiva, cultura participativa, trabalho em consonância com os projetos da Educação paulista e democratização dos espaços escolares.

Leitores escritores – DE Suzano

IVÂNIA PAULA (TÉCNICA/FDE)



Capas dos livros publicados no PEF

O texto que segue foi uma solicitação de nosso companheiro de trabalho, Prof. Nivaldo Leal dos Santos (Gerente de Educação, Cultura e Cidadania da FDE), que, ao tomar contato com os livros redigidos por pessoas das comunidades, ficou muito tocado e feliz com o trabalho dos educadores do Programa Escola da Família e nos recomendou, com muito entusiasmo, uma notícia a respeito.

Infelizmente, o Prof. Nivaldo faleceu a 26 de janeiro passado e já deixa em todos nós, que tivemos a honra de com ele conviver e trabalhar, muita saudade e falta!

Nas escolas da DE Suzano, os espaços do projeto *Comunidade Leitora* têm sido oportunidade de criação literária. Além de leitores, os participantes são também escritores de alguns gêneros, como pequenos contos, poesias etc. E, para fortalecer ainda mais o comportamento leitor, uma viagem com direito a acompanhante, a algum lugar do Brasil, foi doada e sorteada pela escola parceira, Profinalize/EDEQ. Para concorrer bastava participar do projeto.

Os melhores textos foram publicados pela Gráfica Lumari e isso colaborou para valorizar a participação e os talentos desses escritores mirins. Um outro livro, o de Receitas, também mereceu publicação; ele surgiu como um bônus do *Projeto Viver com Saúde*, da Fundação Mapfre. Como os vice-diretores receberam inúmeras receitas, mas apenas uma representaria a escola, as

excedentes foram compiladas e publicadas no *Programa Escola da Família*. Ambos os livros foram compartilhados com os vice-diretores, que foram orientados a organizar uma festa para a entrega aos autores.

Quanto ao sorteio da viagem, a ganhadora foi uma criança da comunidade da EE José Eduardo Viera Raduan, que está localizada em uma das regiões mais carentes do município de Ferraz de Vasconcelos. Como sua família explicou que não poderia viajar e deixar os outros filhos sozinhos, o prêmio foi convertido em cesta básica e presentes para todos eles. As crianças puderam ainda escolher os brinquedos que gostariam de ganhar. Isso aconteceu à época do Natal de 2015, mas a história é tão tocante e motivadora que resolvemos publicá-la agora, afinal, boas ideias não envelhecem.



Alunos com o *Livro de Atividades*
(EE Walter Belian/DE Leste 4)

O projeto ***Sonhar, Planejar, Alcançar***, cujo propósito é educar para um comportamento financeiro equilibrado e de bom senso, finalizou, nos meses de novembro e dezembro de 2016, as atividades do segundo ano de parceria com o *Programa Escola da Família*. Patrocinado pela ***Fundação MetLife***, criado pela ***Sesame Workshop*** (Vila Sésamo/Brasil) e realizado pela ***DSOP***, que é quem fornece profissionais, concepção, didática e metodologia, o projeto evoluiu nas es-

Projeto de Educação Financeira *Sonhar, Planejar, Alcançar* encerra as atividades do ano

IVÂNIA PAULA (TÉCNICA/FDE)

colas que o sediam, quer na incorporação dele pelos alunos, quer na participação e apoio dos familiares.

Outro ponto positivo é que os professores valorizaram a proposta e trabalharam intensamente, juntamente com seus alunos, os materiais recebidos: tapete de atividades, coleção de gibis, painel da *Árvore dos Sonhos*, fantoches. Os docentes também receberam três aulas a distância gratuitas, com direito a certificação. As famílias receberam:

guia para cuidadores, livro de histórias e calendário para planejamento financeiro.

Durante o ano, PCNPs, vice-diretores do PEF e diretores das unidades escolares estiveram em cinco oficinas de formação, enquanto familiares e cuidadores foram convidados para três encontros. Eles puderam conhecer os propósitos do projeto e receberam dicas importantes de economia como: fazer escolhas; definir metas; tomar decisões; planejar e construir caminhos

para alcançar objetivos; valorizar o dinheiro – fruto do esforço do trabalho; economizar com metodologia; comprar com sabedoria; partilhar, doar e trocar com senso de sustentabilidade e de solidariedade.

Para fechar as atividades do projeto 2016, as escolas planejaram diversas atividades para os alunos e seus pais. Um exemplo dessa dinâmica foi o que aconteceu na EE Walter Belian (DE Leste 4); ali a vice-diretora (PEF), Mirais Corina Ferreira Martins, e as professoras dos 1ºs anos do ciclo I/EF organizaram uma belíssima exposição de artes, em que muitos dos objetos expostos eram cofrinhos confeccionados com embalagens vazias, que é uma das atividades sugeridas pelo projeto *Sonhar, Planejar, Alcançar*. As crianças também dançaram e cantaram com os fantoches da *Vila Sésamo* e participaram de um delicioso lanche comunitário, juntamente com seus pais. O evento coincidiu com a festa de encerramento do ano letivo, que aconteceu em clima natalino.

Existe a expectativa de que, em 2017, o projeto possa ser oferecido a outras escolas da rede pública estadual de ensino.

PARA SABER MAIS...

Público-alvo

Crianças de 6 anos (Ensino Fundamental – Ciclo I), suas famílias ou cuidadores e professores.

Escolas participantes

2015

EE Luís Elias Attiê (DE Centro-Oeste), EE Odair Martiniano da Silva – Mandela (DE Centro-Oeste), EE Melvin Jones (DE Centro-Sul), EE Calixto de Souza Aranha (DE Centro-Sul), EE Professora Ana Pontes de Toledo Natali (DE Leste 1), EE Walter Belian (DE Leste 4), EE Domingos Faustino Sarmiento (DE Leste 5), EE Província de Nagasaki (DE Norte 2). EE Dr. Luiz Lázaro Zamenhof (DE Norte 2), EE Professora Joanna Abrahão (DE Sul 1), EE Professora Edméa Attab (DE Sul 1), EE Savério Fittipaldi (DE Sul 3) e EE Ayrton Senna da Silva (DE Sul 3).

2016

EE Prudente de Moraes (DE Centro), EE Luís Elias Attiê (DE Centro-Oeste), EE Alfredo Bresser (DE

Centro-Oeste), EE Professor Luiz Cintra do Prado (DE Centro-Oeste), EE Carlos Estevan Aldo Martins (DE Centro-Sul), EE Melvin Jones (DE Centro-Sul), EE Álvaro de Souza Lima (DE Centro-Sul), EE Walter Belian (DE Leste 4), EE Eulice Sílvio Mendonça da Silva (DE Norte 1), EE Vila Penteado (DE Norte 1), EE Professora Dirce Pastore Donato (DE Norte 2), EE Professor Izac Silvério (DE Norte 2) e EE Savério Fittipaldi (DE Sul 3).



Exposição de Artes (EE Walter Belian/DE Leste 4)



Cofrinhos feitos com materiais recicláveis

1º Encontro Regional de Grêmios Estudantis – DE Tupã

ROSANA ZAMANA DE SOUZA SANCHES (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



Gremistas de várias escolas reunidos

Sete de dezembro de 2016, dia do *1º Encontro Regional de Grêmios Estudantis* de 26 escolas estaduais da DE Tupã. O tema *Protagonismo Juvenil* esteve em foco e bem no centro dos temas do mundo contemporâneo.

A participação dos alunos gremistas se deu no contexto de uma gincana que envolveu provas de solidariedade, habilidades de trabalho em grupo, conhecimentos específi-

cos, conhecimentos gerais, raciocínio lógico, brincadeiras, paródias, danças, canto, provas-surpresa etc. Cada equipe apresentou-se fantasiada, entoando seu grito de guerra e fazendo sua coreografia.

TAREFAS:

Quem sabe sabe

Foi entregue a cada turma um envelope com cinco questões para serem respondidas, em 20 minutos, sobre assuntos das áreas de geografia, história, raciocínio lógico e conhecimentos gerais. A turma também respondeu a uma pergunta extra.

Prova-surpresa

Dramatização cômica de uma ação cidadã, envolvendo ética. Composição de música sobre crítica política e/ou social.

Escolas vencedoras:

1º lugar – EE Indígena Índia Vanuíre

2º lugar – EE João Bredicks

3º lugar – EE Joaquim Abarca

A participação dos alunos gremistas proporcionou-lhes: socialização e integração; avaliação e discussão de temas de natureza socioambiental; ações em prol das comunidades; desenvolvimento dos sentidos de respeito às diferenças e de solidariedade; construção de aprendizagem e de conhecimento; auxílio e visita a uma entidade carente; percepção de que a escola é, por natureza, ambiente agregador, devendo ser agradável e alegre, onde se tenha vontade de estar.

Que venham os próximos encontros!

7ª Virada Inclusiva – DE Sumaré

ALEXANDRE VALÉRIO DO NASCIMENTO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



História contada com sinais de libra (EE Professora Maria Cheila Alves)

A Virada Inclusiva, ação da Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, tem como princípio oferecer mais visibilidade social às pessoas especiais, promovendo manifestações de arte, cultura, esporte e lazer. São 36 horas de diversão inclusiva e de informação, com participação plena de todos os cidadãos em shows, oficinas, apresentações, mostras teatrais, exposições e gincanas.

Os eventos acontecem simultaneamente, em variada gama de espaços, tais como parques, teatros, estações de Metrô, instituições, equipamentos e ruas, de diversos municípios do Estado de São Paulo. Neste ano, as escolas participantes do *Programa Escola da Família* (PEF) aderiram à Virada, com uma programação bastante variada e animada.

A sétima edição, ocorrida nos dias 2, 3 e 4 de dezembro, comemorou o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (3 de dezembro). A ação reuniu e aproximou pessoas com e sem deficiência, em atividades amistosas de inclusão e de muita diversão.

Na DE Sumaré, o PEF das escolas da região recebeu o público escolar e do entorno, que pôde participar da programação nas quadras e salas de aula. Houve muita música, dança, contação de histórias em libras, sessão de cinema com filmes sobre superação e inclusão social, teatro, roda de conversa (mitos e verdades sobre o relacionamento e a convivência com pessoas especiais), artesanato com sucata e materiais recicláveis, esporte (jogos adaptados de futsal, voleibol e corrida maluca) e túnel sensorial (atividade motivacional).

Para suprir a energia gasta, um gostoso lanche foi servido: bolos, pães, bolachas, algodão-doce, pipoca, sucos e refrigerantes.

A ação foi colaborativa e teve o envolvimento da Coordenação Regional do PEF, Coordenações Locais, voluntários e parceiros.

A cobertura completa de reportagem ficou a cargo dos educadores universitários – graduandos de Jornalismo e bolsistas do PEF. Animados, esses garotos e garotas entrevistaram, coletaram depoimentos, fotografaram e filmaram para terem em mãos a matéria-prima de seus textos.

Que venha a próxima Virada Inclusiva, porque essa já deixou saudade!



Voleibol adaptado
(EE Professora Maria Cheila Alves)

PARA SABER MAIS...

7ª VIRADA INCLUSIVA

[...]

Idealizado e coordenado pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, o evento é gerido pela Abacá Organização Social de Cultura e conta com uma ampla rede de parceiros e colaboradores voluntários, dos mais diversos setores, que realizam inúmeras atividades culturais, esportivas e de lazer, criando uma extensa grade de programação acessível, que começou no Estado de São Paulo e vem se ampliando em uma grande celebração internacional.

Desde 2010, a Virada Inclusiva reúne pessoas que acreditam e buscam uma sociedade para *todos* e juntas cantam, dançam, caminham, andam de bicicletas adaptadas ou comuns, jogam, participam e assistem às inúmeras atividades oferecidas durante os dias em que acontece o evento. São três

dias, nos quais a sociedade pode vislumbrar e experienciar a inclusão, pré-requisito para uma sociedade sustentável.

A Virada Inclusiva cresce a cada ano, sinal de que mais pessoas estão aderindo ao movimento pela inclusão da pessoa com deficiência. Isso é fruto do trabalho de todos os nossos parceiros que acreditaram ser possível realizar atividades para *todas* as pessoas.

Chegamos à 7ª edição! De uma para outra os resultados mostram que estamos no caminho correto. Aos que já participam o nosso *muito obrigado!* Aos que ainda não participam, fica aqui o nosso convite para que façam parte deste momento, que representa dizer não para a exclusão e os modos variados em que ela se apresenta e um gigante *sim* para a verdadeira inclusão.

Por que *Flicts* é a cor oficial da Virada?

Flicts é o título de um dos livros mais conhecidos do escritor Ziraldo. Existe uma forte sintonia entre a obra e o espírito do evento.

No livro, *Flicts* era uma cor discriminada porque “não tinha a força do Vermelho, não tinha a imensidão do Amarelo nem a paz que tem o Azul”, até o dia em que percebeu que era, na verdade, a cor da Lua. E por isso era tão especial!



Livro de Ziraldo

Caminhar, pensar e criar

DE São Carlos

IVÂNIA PAULA (TÉCNICA/FDE)

No dia 11 de novembro de 2016, foi ao ar, para todos os educadores do PEF, a videoconferência *Programa Escola da Família: sustentabilidade, pensar, caminhar e criar*. O objetivo foi sensibilizar e mobilizar pessoas acerca do tema Sustentabilidade, mediante apresentação de argumentação por especialistas e de práticas metodológicas possíveis para o desenvolvimento de um comportamento sustentável na vida cotidiana.

Participaram dessa videoconferência Ana Maria Stuginski (Operacionalização – PEF/FDE), Devanil Tozzi (FDE), Adriana Neves da Silva (Educação Ambiental), Peter Milko (Editora Horizonte), Sueli Furlan (Depto. Ciências Ambientais/USP) e Sérgio Luiz Damiani (equipe de Geografia/CGEB/CEFAF).

Além do tema, a videoconferência levou também aos educadores o desafio de organizarem exposições em suas regiões de atuação, com material artístico (fotografia, pintura, desenho, maquete, escultura e literatura), resultan-

te de caminhadas coletivas, para reconhecimento do ambiente natural no entorno escolar e em áreas vizinhas, ou seja, um convite para um verdadeiro exercício de observação, descoberta e revalorização do lugar onde se vive.

A DE São Carlos, que já encampou o projeto, enviou o *link* <http://www.ourboox.com/community/ana-paula2/> e nele aparecem vários depoimentos de quem caminhou, viu, observou, sentiu e fotografou no Bosque Santa Marta. Os registros foram apresentados em exposição, que teve a importante colaboração dos professores do Núcleo Pedagógico e, em especial, do PCNP de Artes, Paulo Cesar Lazzarini.

Agora que os educadores viveram a experiência, poderão orientar as comunidades do PEF a fazerem o mesmo, e assim, certamente, teremos em 2017 um festival de belas produções plásticas, fotográficas e literárias. Que cada qual, então, eleja seu objeto natural inspirador e faça uma revigorante caminhada!



Jaqueira em plena produção



Caminhando e abrindo os olhos da alma

1º Seminário – Disseminando Boas Práticas Grêmio Estudantil 2016 – DE Santo André

SOLANGE PASCOAL BAILÃO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

A Diretoria de Ensino de Santo André, no dia 2 de dezembro de 2016, realizou o 1º Seminário – *Disseminando Boas Práticas*, no auditório da Universidade Anhanguera, para um público de 300 pessoas, entre elas: dirigente, supervisores, PCNPs, diretores, vice-diretores, professores, pais e alunos do Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio.

O protagonismo juvenil, tão presente nos grêmios estudantis, foi o foco do evento. Foram exibidos vídeos, filmagens e proferidos relatos sobre a força jovem que vem realizando um importante trabalho social, em prol de pessoas menos favorecidas economicamente.

Relatos temáticos por escola:

EE Dr. Carlos Garcia	Frações das ações do Grêmio
EE Luiz Martins	Projeto social – <i>Campanha do Agasalho</i> ; Higiene com Arte
EE Prof. Beneraldo Toledo Piza	Ação social – Diferenças sociais e inclusão de deficientes
EE Amaral Wagner	Revitalização – pintura da quadra esportiva
EE Prof. Nelson Pizzotti Mendes	Campanha de prevenção a doenças transmissíveis
EE Sérgio Milliet da Costa e Silva	Grafite e a interação com ambiente escolar
EE Prof. Ovídio Pires de Campos	Boa ação constrói a nação
EE Prof. Rubens Moreira da Rocha	Inovando na escola
EE Joaquim Lúcio Cardoso Filho	Jogos interclasses – masculino e feminino

Saber que o comportamento voluntarioso do jovem se contrapõe a tantos problemas e carências do mundo significa poder acreditar que o ser humano ainda tem jeito. Que é possível transformar, reverter e construir, sendo possível constatar que atitudes positivas influenciam pessoas a terem atitudes diferentes e bem melhores!



Apresentação de coral de Natal

Encontro de gremistas

Uma ação pela cidadania

DE Jales

MARINEUSA AP. CICUTO DO CARMO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

Oferecer educação de qualidade ao seu quadro de alunos, propiciando o desenvolvimento de sua cidadania, é um dos grandes objetivos da Diretoria de Ensino de Jales. Essa prática tem se dado por meio de encontros, seminários, reuniões etc., e os conceitos já estão sendo incorporados por todos os educadores dessa DE.

Por compreender que o *protagonismo juvenil* favorece a efetiva participação dos alunos no ambiente escolar e, conseqüentemente, na sociedade, a Diretoria de Jales, por intermédio dos programas institucionais *Escola da Família*, *Professor Mediador Educacional e Comunitário* e o *Grêmio Estudantil*, realizou *IV Polos de Encontros de Gremistas* para todas as escolas da região.

Em um espaço descontraído, dinâmico e acolhedor, cada grêmio pôde socializar experiências exitosas desenvolvidas em suas escolas e, ao mesmo tempo, apropriar-se de novas ideias para implementação de seus planos de trabalho.

Presentes nas 33 escolas estaduais da DE, os grêmios estudantis têm apresentado significativos avanços quanto à participação estudantil e de pais na vida escolar, e também desses na rotina da comunidade, por meio de projetos nas áreas de comunicação, cultura, esporte, social e política. Dessa forma, em conjunto com professores e gestores, essa instituição tem aprimorado a gestão democrática e participativa e colaborado na aprendizagem em sala de aula.

OS ENCONTROS POR POLO

Polo I – Jales

Escolas participantes: EE Dom Artur Horsthuis, EE Euphy Jales, EE Osvaldo Ramos, EE José Nogueira, EE Zelia de Lourdes Zacrelli, EE Oscar Antonio da Costa, EE Carlos de Arnaldo, EE Onelia Faggione, EE Juvenal Giraldeoli e EE Sueli B. Marin.



Polo III – Guzolândia

Escolas participantes: EE Vanir Ferrero de Moraes, EE Maria Pereira de Brito Benetoli, EE Coripeu de Azevedo Marques, EE Orestes Ferreira do Toledo, EE Antonio Marin Cruz e EE Ernesto Schmidt.



Polo II – Santa Fé do Sul

Escolas participantes: EE Itael de Mattos, EE Rubens de Oliveira Camargo, EE Antonio Bezerra de Araujo, EE Maria das Dores F. da Rocha, EE José Joaquim dos Santos, EE Domingos Donato Rivelli e EE Maria Pilar Ortega Garcia.



Polo IV – Paranapuã

Escolas participantes: EE Prefeito José Ribeiro, EE Baptista Dolci, EE Adelino Bertani, EE Carlos Celso Lenarduzzi, EE José dos Santos, EE Francisco Molina Molina, EE Akio Satoru, EE José Teixeira do Amaral e EE Ellide Aparecido Carlos.



Por um outubro rosa

DE Taubaté

MARIA APARECIDA/PCNP PROJETOS ESPECIAIS



Caminhada Rosa

A EE Professora Francisca Moura Luz Pereira (DE Taubaté) promoveu a *Caminhada Rosa* no dia 22 de outubro. Foram duas horas de caminhada no período da manhã. A ação contextualizou a campanha contra o câncer de mama, *Outubro Rosa*, que foi representada por bexigas cor-de-rosa. Cada caminhante levou nas mãos um balão.

O *Programa Escola da Família* contou com a doação de camisetas, feita pela Casa G, e bombons para sorteio, pela Nestlé. A colaboração de parceiros sempre foi e continua sendo essencial para que muito do que é planejado pelos educadores do PEF torne-se viável e real.

Os caminhantes foram acolhidos com a prática do *Tai chi chuan*, que é ótimo para harmonizar mente e corpo, e depois caminharam até o campo de futebol do bairro. Pessoas de várias idades participaram.

PARA SABER MAIS...

PROGRAMA MULHERES DE PEITO

Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo

O CÂNCER DE MAMA NO BRASIL E NO MUNDO

A OMS estima que no mundo ocorram cerca de 1.050.000 casos de câncer de mama por ano. É o tipo de câncer que mais incide sobre a população feminina. Nas mulheres, é a causa mais frequente de morte por câncer.

As causas do câncer de mama não são totalmente conhecidas, mas sabe-se que a doença é multifatorial e depende de uma complexa combinação de fatores. A idade é o principal fator de risco, que aumenta a partir dos 35 anos em alguns grupos. As mulheres que têm entre 50 e 70 anos são as mais propensas, por isso as políticas de rastreamento, baseadas nas recomendações da Organização Mundial de Saúde, são prioritariamente focadas nessa faixa etária.

Existe também a predisposição genética, que não é tão significativa, pois representa de 5% a 10% dos casos, mas serve como alerta.

Os fatores que predispõem as mulheres ao câncer de mama são classificados entre os inevitáveis e os que podem ser evitados, por meio da mudança ou incorporação

de hábitos e comportamentos, possibilitando assim a intervenção direta dos programas de prevenção.

Na primeira classificação - INEVITÁVEIS - temos as seguintes características: sexo feminino, idade maior que 55 anos, predisposição genética, antecedência pessoal e familiar, alta densidade mamária, menarca precoce ou menopausa tardia.

Já os fatores de risco que podem ser EVITADOS, minimizando em tese as chances de câncer, são: migração, exposição à radiação ionizante, nuliparidade ou primeira gestação depois dos 30 anos, uso de terapia de reposição hormonal, não amamentar, consumo de álcool, fumo, abuso de gordura animal e obesidade.

A presença de fatores de risco isolados ou combinados em uma pessoa não indica probabilidade de que ela vá desenvolver a doença, mas que existe uma predisposição maior.

Portanto, essa pessoa torna-se público-alvo das políticas públicas de saúde para prevenção e controle.

A incidência do câncer de mama é maior nas nações desenvolvidas, mas o Brasil e demais países em desenvolvimento também vêm apresentando um aumento na sua incidência, principalmente pelo envelhecimento da população (a idade é o principal fator de risco), crescimento demográfico e mudanças nos hábitos de vida.

O aumento das notificações oficiais de câncer de mama também é atribuído ao maior acesso da população aos meios diagnósticos, decorrente das mudanças econômicas, políticas e sociais ocorridas nas últimas décadas.

No Brasil, o câncer de mama é a primeira causa de morte por neoplasia nas mulheres, com exceção da região Norte, onde ele ocupa o segundo lugar (INCA, 2009).

Ainda de acordo com o órgão, na contramão dos países que investiram em políticas de rastreamento para detecção e tratamento precoces e assim inverteram a proporção incidência *versus* mortalidade, no Brasil o aumento dos casos nas últimas décadas vem acompanhado do aumento do índice de mortalidade por câncer de mama.

O Estado de São Paulo apresenta a melhor cobertura para rastreamento de câncer de mama no País. Porém o

Estado posiciona-se abaixo da meta preconizada pelo MS (INCA), de cobertura de no mínimo 70% das mulheres, na faixa etária de 50 a 69 anos.

O número de mamógrafos existentes no Estado (433), públicos ou conveniados SUS, atinge a média de 4,4 mamógrafos por 240 mil mulheres SUS dependentes. A OMS preconiza 01 mamógrafo para 240 mil mulheres.

Mesmo assim, não tem sido possível sensibilizar a mulher assintomática a realizar o exame preventivo considerado tão importante para sua saúde.

Vários motivos podem justificar a não aderência desta mulher: trabalhos apontam principalmente três causas referidas – falta de tempo, constrangimento e dor na realização do exame.

Por todas estas razões é criado na Secretaria de Estado de São Paulo o **Programa Mulheres de Peito**, com o objetivo de conscientização destas mulheres sobre a importância da realização do exame, assim como a facilidade do acesso ao mesmo, por meio da dispensa do pedido médico, facilidade de agendamento e garantia do tratamento, logo após a confirmação do diagnóstico.

ESTRATÉGIAS PARA O PROGRAMA DE RASTREAMENTO ORGANIZADO PARA DETECÇÃO PRECOCE DO CÂNCER DE MAMA, COM INÍCIO EM 2014.

Etapa 1 – Primeiras Ações:

- A mamografia de rastreamento deve passar a fazer parte da rotina da vida da mulher na faixa etária preconizada. A estratégia prevê que todas as mulheres de 50 a 69 anos, a cada dois anos, no mês de seu aniversário, realizem o exame, sem a necessidade de pedido médico.
 - Durante este 1º ano do Programa, até que as Unidades Básicas de Saúde também estejam preparadas para a inclusão deste procedimento à sua rotina de trabalho, o agendamento será realizado através da Central de Regulação de Oferta de Serviços de Saúde - CROSS.
 - **As mulheres na faixa etária de 50 a 69 anos** deverão entrar em contato com a CROSS através do **nº 08007790000** para agendar o exame de mamografia sem a necessidade de pedido médico. O exame deve ser realizado, preferencialmente, no mesmo mês de aniversário da mulher.
 - Como a necessidade de realizar o exame é bianual, as mulheres nascidas em anos pares deverão fazer o exame em anos pares e as nascidas em anos ímpares, da mesma forma, deverão realizar o exame em anos ímpares.
 - Neste ano serão agendados os exames de mulheres nascidas nos anos pares, e para as mulheres nascidas nos anos ímpares que informarem não terem realizado o exame nos últimos 2 anos.
 - As mulheres fora da faixa etária do Programa continuarão a receber o atendimento com o encaminhamento estabelecido em protocolo de rotina, deverão passar por consulta e agendar o exame com o pedido médico em mãos.
 - Outra estratégia para seguimento da campanha, nos próximos anos, é a busca ativa da mulher. No mês de aniversário ela será parabenizada pela data e lembrada da importância de realizar o exame.
 - Caberá aos gestores de cada Serviço, a orientação quanto ao fluxo de entrega dos resultados e prosseguimento do atendimento à paciente.
- Fonte: *site* da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Um Dia na Escola do Meu Filho **DE Caraguatatuba**

JANETTE MARA FERRAZ PROCÓPIO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

No dia 8 de outubro, foram desenvolvidas ações do *Um Dia na Escola do Meu Filho* em todas as 13 escolas do *Programa Escola da Família* pertencentes à DE Caraguatatuba). Uma das escolas que se destacou foi a EE Vereador Paes Sobrinho, que conseguiu ter expressiva participação da comunidade. Pais de alunos foram sensibilizados para que percebessem a impagável importância de participarem da vida escolar de seus filhos, aliás, objetivo principal desse dia.

A fim de valorizar a convivência entre pais e filhos, uma programação bastante atraente foi pensada pelo vice-diretor do PEF, Genildo, e educadores universitários: bingo gratuito, torneio de futsal e brincadeiras populares antigas.

Ao final da festa, foram premiados artesanatos confeccionados no PEF e outros itens doados pelo comércio local e parceiros do Programa.

E todo o esforço deu certo! A escola recebeu 300 pessoas e os educadores provaram o sentimento de missão cumprida.



Pais participam de bingo

Um Dia na Escola do meu Filho – Tempo de Brincar

DE Araçatuba

VICENTE GOBI FILHO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



Brincadeiras: cabo de guerra e aro

Em mais uma edição do *Um Dia na Escola do meu Filho*, a segunda do ano, realizada em 8 de outubro, a EE Professor Waldemar Queiroz (DE Araçatuba) ofereceu uma programação com atividades sobre o tema Tempo de Brincar. Brincadeiras antigas e populares fizeram a felicidade da criançada, aliás, muitas delas foram apresentadas a elas nesse dia: perna de pau, carrinho de rolimã, abrindo paraquedas, bétis (taco), pião, cabo de guerra, argolas, corrida do saco, pular corda e bolinha de gude. Além dessas, foi instalado um touro mecânico e, na quadra, a meninada também pôde brincar de arremessar bola de basquete.

E não pensem que parou por aí! Malu, professora voluntária, realizou uma sessão

de contação de histórias – prática que vem se disseminando cada vez mais no *Programa Escola da Família*, das várias escolas do Estado – e depois brincou de roda, cantando cantigas do repertório popular e convidando os adultos a participarem.

Em meio ao clima de descontração e diversão, um curso de gastronomia, patrocinado pela Fundação Mirim de Araçatuba, foi oferecido ao público. Também houve o sorteio de uma cesta básica, doada por parceiros do PEF. E como festa não pode deixar de ter alimentação, foram servidos: algodão-doce, cachorro-quente, bolo e guaraná. A programação foi muito elogiada e o público propôs que mais eventos assim sejam organizados durante o ano.

Na mesma Diretoria de Ensino, outra ação foi realizada na EE Coronel Francisco Prudente Correa: o *Encontro Regional da Melhor Idade*, que trouxe à escola 980 pessoas de 22 cidades da região. Trata-se de uma parceria com o grupo da melhor idade *Alegria de Viver*, do município de Rubiácea.

A festa aconteceu na quadra da escola e contou com um baile, músicas ao vivo e um caprichado lanche. O *Programa Escola da Família* tem esta particularidade, de atrair e envolver pessoas de várias idades e aproximar gerações.



Uma festa para gente mais experiente e cheia de vida

PARA SABER MAIS...

RUBIÁCEA (MUNICÍPIO PAULISTA)



HISTÓRIA

A região onde hoje se encontra o município de Rubiácea está situada entre o rio Aguapeí e o rio Tietê, ao longo do qual a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil estendeu seus trilhos até Mato Grosso. A passagem desta linha férrea por este local constituiu um dos motivos da formação do primeiro povoamento.

Dois proprietários de terras disputaram o privilégio de ter uma parada de ferrovia: o Coronel Francisco Prudente Corrêa, da Fazenda Jandaia, e Afonso Junqueira Franco, que já havia desenvolvido em sua fazenda o povoado de Ouro Verde, desde 1927. Ao final dos estudos, os engenheiros responsáveis pela construção da ferrovia resolveram mudar o traçado da linha férrea, originalmente planeja-

da para passar em Ouro Verde, e levaram os trilhos para as terras de Prudente Corrêa.

Em 21 de julho de 1930, foi inaugurada a estação nas terras da Fazenda Jandaia. Outro fator da expansão demográfica e econômica da região foi a cafeicultura, que por constituir grande riqueza acabou por dar o nome à cidade que se formou – Rubiácea.

Em 1944 já havia sido criado o Distrito de Paz, com terras desmembradas de Guararapes e, em 1948, ganhou a autonomia político-administrativa.

Em 30 de novembro de 1944, foi criado o distrito com a denominação de Rubiácea, por Decreto-lei Estadual nº 14334, no Município de Guararapes, sendo que esta estrutura vigorou até 1948.

Elevado à categoria de município, com a denominação de Rubiácea, pela Lei Estadual nº 233, de 24 de dezembro de 1948, foi finalmente desmembrado de Guararapes. O novo município foi estruturado como o conjunto de dois distritos: Rubiácea e Caramuru. Sua instalação foi promulgada no dia 3 de abril de 1949.

A Lei Estadual nº 5.285, de 18 de fevereiro de 1959, e Acórdão do Superior Tribunal Federal, extinguiu o distrito de Caramuru do município de Rubiácea, este passando a ser um bairro do município-sede, sendo que esta estrutura administrativa perdura até os dias atuais.

GEOGRAFIA

Localiza-se a uma latitude 21°18'02" sul e a uma longitude de 50°43'36" oeste, estando a uma altitude de 420 metros. Possui clima tropical.

População estimada 2016 ⁽¹⁾	3.015
População 2010	2.729
Área da unidade territorial 2015 (km²)	236,484
Densidade demográfica 2010 (hab./km²)	11,52
Código do município	3544400
Gentílico	rubiaceense

Fontes:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubi%C3%A1cea_\(S%C3%A3o_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubi%C3%A1cea_(S%C3%A3o_Paulo))

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354440&search=sao-paulo|rubiace>

Virada Inclusiva – DE Tupã

IVÂNIA PAULA (TÉCNICA/FDE)

A *Virada Inclusiva* na DE Tupã, realizada nos dias 3 e 4 de dezembro de 2016, nas escolas Dr. Ginez Carmona Martinez e Irene Resina Migliorucci, movimentou as comunidades em uma programação diversificada e atraente. Antes das atividades terem início, as equipes de educadores tiveram o cuidado de realizar um acolhimento, enaltecendo a importância de conviver com as diferenças, sem pieguice, mas respeitando a condição, o ritmo, os direitos e habilidades de cada um.

Foram exibidos vídeos que trouxeram casos de superação. Um deles contou a história de Nick Vujicic, um deficiente físico que venceu vários obstáculos na vida; o outro era sobre um menino deficiente que ganha um cachorrinho sem pata, intitulado *Um garoto, um videogame, um presente, um cachorro e uma deficiência!* Na sequência, foi

organizada uma roda de conversa e todos puderam se manifestar com suas opiniões e impressões. Essa prática é muito saudável, pois, quando alguém ouve o outro e também fala de si, consegue reformular sentimentos, valores e ideias sobre questões que fazem parte da vida.

Na EE Professora Irene Resina Migliorucci, o ex-aluno Leandro, que é cadeirante, participou com colegas de partidas de futsal e xadrez. Na EE de Parapuã, a educadora voluntária Cláudia (cadeirante), que ministra aulas pré-vestibulares de Redação e Gramática, aos sábados, conversou com a comunidade e contou um pouco de sua trajetória de vida e como lidar com o preconceito.

A inclusão é uma prática para ser vivida todos os dias do ano, independente de uma data fixa no calendário, pois as pessoas ditas

“diferentes” estão aí, aqui, em toda parte! E, se vivemos em um mundo naturalmente variado, é porque ainda precisamos aprender a lição número um da ética civilizatória: RESPEITO E TOLERÂNCIA. Somente assim conseguiremos produzir gerações de pessoas melhores, que veem no outro a extensão de sua própria condição humana e, por que não, de sua própria identidade.



EE Irene Resina

Livro *Histórias e Receitas* – Edição 2015

Uma parceria com a Fundación Mapfre

ATAULFO SANTANA (TÉCNICO/FDE)



Publicação mais recente

Em 2011, o *Programa Escola da Família* (PEF) iniciou uma parceria com a Fundación Mapfre para a execução do projeto *Viver com Saúde*, e essa parceria de compromisso e de grande sucesso vem dando excelentes resultados. Das 91 Diretorias de Ensino, cerca de um terço já participa do projeto e tem oportunidade de conhecer os benefícios de uma alimentação saudável, variada e equilibrada. Essas pessoas tiveram a oportunidade de colaborar para a publicação do livro de culinária *Histórias e Receitas*, que apresentaremos aqui.

A formação oferecida, tanto presencial quanto a distância, às Coordenações Locais do *Programa Escola da Família*, traz, a cada

ano, conceitos mais atualizados que revitalizam o projeto *Viver com Saúde*, atraindo mais público, incluindo as crianças.

Durante o ano, com base nessas formações, os professores do PEF criam oficinas lúdicas sobre o tema *alimentação mais saudável*, promovem o resgate de histórias familiares e salientam a importância da atividade física. Crianças das comunidades intra e extraescolar participam desse trinômio e, ao término dos encontros, no final de cada ano, ajudam a selecionar a receita mais representativa da escola. Essa receita é previamente degustada, antes de ser publicada no livro *Histórias e Receitas*, editado pela Fundación Mapfre.

E assim, anualmente, uma nova edição com esse belíssimo trabalho é lançada. Em 2016 foi a vez da edição do ano anterior. Recém-saída do forno, ela chegou às escolas participantes, e cada autor de receita publicada recebeu um exemplar do livro.

Participaram da obra, em 2015, 502 esco-

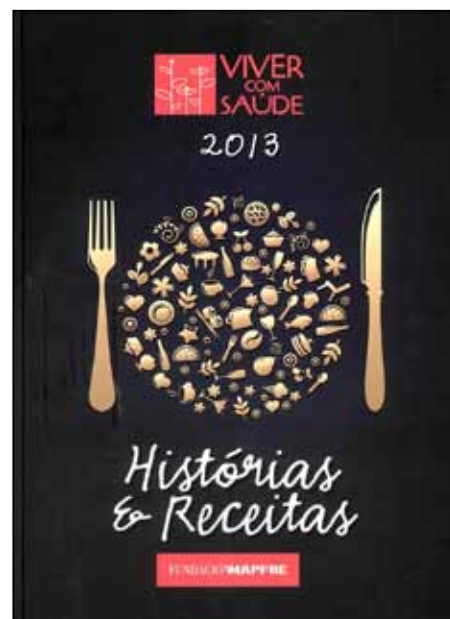
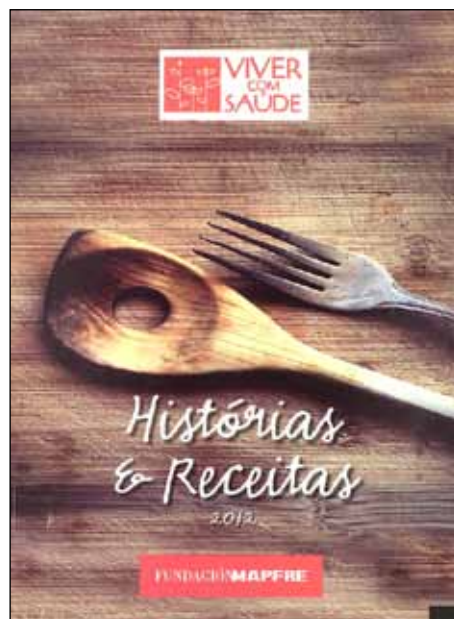
las de 28 Diretorias de Ensino das regiões de Adamantina, Americana, Apiaí, Assis, Botucatu, Caieiras, Carapicuíba, Centro, Diadema, Guarulhos Norte, Guarulhos Sul, Itapeçerica da Serra, Itapeva, Itapevi, Itaquaquecetuba, Mauá, Mirante do Paranapanema, Mogi das Cruzes, Osasco, Ourinhos, Piracicaba, Presidente Pru-

dente, Santo Anastácio, Santo André, São Bernardo do Campo, Sul 3, Suzano e Tupã.

Agora, além dos autores, todos que queiram folhear e experimentar algumas receitas poderão fazê-lo, acessando a versão digital da publicação no *site* da FDE. Basta clicar no *link* abaixo:

<http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/arquivo/Hist%C3%B3rias%20e%20Receitas%20-%202015.pdf>

Publicações anteriores:



Projeto Despertando Estrelas – 2ª edição

DE Botucatu

LUCILENE REGINA ALVES (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

Talento e brilho não faltaram para os alunos da DE Botucatu, que se apresentaram, nos dias 7, 8 e 9 de dezembro, no encerramento do *Projeto Despertando Estrelas* – ação entre o *Programa Escola da Família*, Grêmios Estudantil e Núcleo Pedagógico. As apresentações foram organizadas por polos: Conchas, Botucatu e São Manuel.

Música, dança e outras expressões artísticas foram preparadas com muito afino e criatividade. O público soube reconhecer o talento da moçada com palmas, assovios e muita alegria.

Os organizadores (PEF, Grêmios Estudantil e Núcleo Pedagógico) relataram que proporcionar um evento como esse é muito instigante e gratificante. Que descobrir talentos e levá-los a conhecimento do público foram dois momentos inesquecíveis.

O *Programa Escola da Família* tem em seus propósitos o *protagonismo juvenil* e esse evento veio confirmar isso, pois possibilitou a participação de jovens nas várias expressões da arte. A qualidade alcançada por esses artistas foi tão alta que já se fala em reapresentações durante o ano 2017.



EE Professora Inah Lopes de O. Macedo



EE Professor Pedro Augusto Barreto

Retomada da campanha contra o *Aedes aegypti* DE Taubaté

MARIA APARECIDA (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

Nos dias 22 e 23 de outubro, o *Programa Escola da Família* (PEF), juntamente com a equipe técnica da Prefeitura Municipal de Taubaté, desenvolveu atividades de combate à dengue, zika e chikungunya.

O CAS – Controle Animais Sinantrópicos –, em ação conjunta com a Prefeitura Municipal de Taubaté, capacitou 20 vice-diretores do *Programa Escola da Família* e do Ensino Fundamental. A Dra. Daniela Bittencourt e seus técnicos estiveram à frente desse importante trabalho. Uma brigada de prevenção foi organizada, e para isso foram capacitados os educadores universitários (um por escola) do PEF.

No dia 22 de outubro, a brigada de educadores e técnicos do CAS realizaram panfletagem no mercado municipal de Taubaté e na praça Dom Epaminondas, abordando

os transeuntes. Em 29 de outubro, a mesma ação foi realizada no bairro CECAP, e dessa vez contou com a colaboração de escoteiros. Em 26 de novembro, o *Programa Escola da Família* também marcou presença na *Semana Estadual de Mobilização contra Aedes Aegypti*, com mais uma panfletagem, na Praça Dom Epaminondas. Ao todo foram distribuídos 3 mil panfletos.

As escolas que arregaçaram as mangas e realizaram o trabalho de divulgação e prevenção foram: EE Monsenhor João Alves, EE Professor Gentil de Camargo, EE Álvaro Ortiz, EE Amácio Mazzaropi, EE Dr. Félix Guisard, EE Jacques Félix e EE Miguel Pistilli.

A luta contra o mosquito foi intensificada e começou bem antes das chuvas de verão. Agora é continuar cuidando para ver os resultados.

A brigada contra o mosquito



Dia da Consciência Negra: uma data para ser lembrada todos os dias do ano – DE Votorantim

ERICA ALVES DA ROCHA (PCNP PROJETOS ESPECIAIS)

No período de 14 a 20 de novembro, a EE Dímpina Rocha Lopes e o *Programa Escola da Família* uniram-se em uma importante missão: vivenciar o *Dia da Consciência Negra*. Durante a semana letiva, junto aos professores de Artes e História, os alunos ouviram a impressionante história dos negros no Brasil: chegada, escravização e libertação, e puderam refletir sobre a situação de preconceito e racismo que ainda perdura.

Na sequência, os alunos foram divididos em grupos para expressarem em cartazes, máscaras, esculturas e desenhos tudo o que foi ouvido.

O professor Walter Flora coordenou a criação de um painel, em que a imagem de uma mulher negra e uma mensagem ilustraram o

tema e a data. O *Programa Escola da Família* confeccionou um organograma, apresentando a família e a história de Zumbi dos Palmares – representante de maior grandeza na luta contra a escravidão. O *Dia da Consciência Negra* é comemorado a 20 de novembro – mesmo dia de seu falecimento.

Todos os objetos que remetem à cultura negra foram criados durante a semana e exibidos em exposição para que os pais e o público em geral pudessem apreciar. Foi um verdadeiro exercício de integração entre a semana letiva e a escola de final de semana.

O encerramento se deu com a presença de professores, funcionários, pais, alunos e toda a comunidade do PEF. A ação foi um



Esculturas criadas e pintadas por alunos

sucesso e movimentou um público – com pessoas de 4 a 60 anos – que pôde aprender e refletir sobre um assunto que ainda é tão atual e demanda mudanças significativas em vários segmentos da sociedade.

PARA SABER MAIS...

**ZUMBI DOS PALMARES E O
DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

Notícia publicada em 19/11/2012.



Zumbi dos Palmares

O Quilombo dos Palmares – localizado na atual região de União dos Palmares, Alagoas, era uma comunidade, um reino (ou república, na visão de alguns), formado por escravos negros que haviam escapado das fazendas, prisões e senzalas brasileiras. Ele ocupava uma área próxima ao tamanho de Portugal, no atual estado de Alagoas. Naquele momento sua população alcançava por volta de 30 mil pessoas.

Zumbi nasceu em Palmares, Alagoas, livre, no ano de 1655, mas foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente 6 anos. Batizado “Francisco”, Zumbi recebeu os sacramentos, aprendeu português e latim, e ajudava diariamente na celebração da missa. Apesar dessas tentativas de aculturá-lo, Zumbi escapou em 1670 e, com 15 anos, retornou ao seu local de origem. Zumbi se tornou conhecido por sua destreza e astúcia na luta, e já era um estrategista militar respeitável quando chegou aos 20 anos.

Por volta de 1678, o governador da capitania de Pernambuco, cansado do longo conflito com o *Quilombo de Palmares*, se aproximou do líder de Palmares, Ganga Zumba, com uma oferta de paz. Foi oferecida a liberdade para todos os escravos fugidos se o quilombo se submetesse à autoridade da Coroa Portuguesa; a proposta do governador foi aceita mas Zumbi a rejeitou e desafiou a liderança de Ganga Zumba. Prometendo continuar a resistência contra a opressão portuguesa, Zumbi tornou-se o novo líder do *Quilombo dos Palmares*.

Quinze anos após Zumbi ter assumido a liderança, o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho foi chamado para organizar a invasão do quilombo. Em 6 de fevereiro de 1694, a capital de Palmares foi destruída e Zumbi, ferido. Apesar de ter sobrevivido, foi traído por Antonio Soares e surpreendido pelo capitão Furtado de Mendonça, em seu reduto (talvez a Serra Dois Irmãos). Apunhalado, resiste, mas é morto com 20 guerreiros, quase dois anos após a batalha, em 20 de novembro de 1695. Teve a cabeça cortada, salgada e levada ao governador Melo e Castro. Em Recife, a cabeça foi exposta em praça pública, visando desmentir a crença da população sobre a lenda da imortalidade de Zumbi.

Em 14 de março de 1696, o governador de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, escreveu ao Rei: “Determinei que pusessem sua cabeça em um poste no lugar mais público desta praça, para satisfazer os ofendidos e justamente queixosos e atemorizar os negros que supersticiosamente julgavam Zumbi um imortal, para que entendessem que esta empresa acabava de todo com os Palmares.”

Zumbi é hoje, para determinados segmentos da população brasileira, um símbolo de resistência. Em 1995, a data de sua morte foi adotada como o dia da Consciência Negra.

Atualmente, o dia 20 de novembro é celebrado como *Dia da Consciência Negra*. Tem um significado especial para os negros brasileiros que reverenciam Zumbi como o herói que lutou pela liberdade e como um símbolo de liberdade. Hilda Dias dos Santos incentivou a criação do Memorial Zumbi dos Palmares.

Fonte: <http://www.sintect-sp.org.br/noticias/quem-foi-zumbi-dos-palmares-e-o-dia-nacional-da-consciencia-negra/>



O *Projeto Coletar-te*, de autoria da artista plástica Sueli Pienta Fagundes, reuniu artistas de todos os segmentos em um único dia e lugar. O evento, gratuito e aberto ao público em geral, ocorreu em 19 de novembro, pela manhã, no COGA – Clube Olímpico Greco Apiaiense. A programação diversificada trou-

Projeto Coletar-te DE Apiaí

OZIEL DE PONTES (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

xe atrações para todos os gostos e interesses: bandas antigas e novas da cidade, dança, teatro, mágica, fotografia, grafite, literatura, imitação, cerâmica, costura, crochê, tricô, bordado, escultura e artesanato regional. A criação de objetos artísticos e artesanais foi realizada ao vivo e em cores, tendo sido possível ao público conferir de perto.

Logo na entrada, foi montado um grande painel para que cada visitante deixasse ali sua marca, sua expressão sobre tudo o que viu e ouviu. Posteriormente, esse painel seria encaminhado à Casa do Artesão. Duas telas vivas também foram pintadas por pessoas do público e um casal de jovens serviu de modelo. Isso chamou a atenção dos visitantes, que gostaram muito da ideia. Para as crianças, houve pintura facial.

O *Programa Escola da Família*, comerciantes e artesãos uniram-se para planejar o evento, bem como todos os detalhes para que o projeto fosse um sucesso e cumprisse com seus objetivos: impacto cultural, reconhecimento da cultura local, percepção de que as expressões culturais constituem meios de transformação social e de promoção de encontro entre artistas.

Vale lembrar que o *Projeto Coletar-te* apresenta os mesmos propósitos do *Programa Escola da Família*: inclusão social, respeito à pluralidade cultural, acessibilidade a bens culturais, responsabilidade social e promoção da qualidade de vida. Talvez seja por isso que a parceria tenha dado tão certo!

Projeto de Entretenimento e Treinamento Paralímpico **DE Jales**

MARINEUSA AP. CICUTO DO CARMO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

No dia 8 de outubro, a EE Professor Carlos de Arnaldo Silva (tempo integral, regular e de jovens e adultos) realizou a abertura do *Projeto de Entretenimento e Treinamento Paralímpico* de Jales e região. O projeto dedica-se a treinar pessoas com deficiência, principalmente em idade escolar, para que se tornem aptas a participar de campeonatos e de jogos escolares paralímpicos.

O *Programa Escola da Família* é viabilizador dessa importante iniciativa, e seus

educadores universitários e voluntários esforçam-se para que alunos e pessoas da comunidade participem. O contato com pessoas especiais sensibiliza, desenvolve o senso de respeito e a admiração em quem convive com elas. Nessas ocasiões, muitas histórias de superação e vitórias são compartilhadas.

O lema que impulsiona o projeto é *Espírito em Movimento*; é ele que motiva a não ser sedentário e conformista – fora disso! O fundamental em todo e qualquer ser huma-



Quem foi que disse que só o Mutley gosta de medalhas?

no é o esforço, a disciplina, a convicção, o protagonismo e o amor, por si e pela vida, para a superação de desafios do dia a dia.

O apoio do público, das famílias e da escola é imprescindível para o desenvolvimento dos sentimentos de segurança e autoconfiança em cada atleta. Esse tripé sustenta pessoas mais felizes e participativas e contribui para uma sociedade mais justa, tolerante, incluyente e mais respeitosa para com as diferenças.

Os finais de semana no PEF DE Tupã

Os finais de semana na EE Dona Maria Barbieri (município de Herculândia) são muito animados e a comunidade participa de uma programação, sempre pensada com carinho pelos educadores.

No mês de novembro, houve roda de capoeira, sob orientação do educador voluntário Cassiano, e palestra com a nutricionista Caroline, sobre hábitos alimentares saudáveis e as consequências para quem tem uma alimentação rica em carboidrato e açúcar, mas pobre em fibras, vitaminas, sais minerais etc. Logo após, em um bate-papo, as crianças puderam comentar com a nutricionista tudo o que ouviram. E para demonstrar como é gostoso e fácil preparar pratos assim, foi servida uma apetitosa salada de frutas com mel e granola.

Quanto às oficinas, as de artesanato foram bastante procuradas, pois foram divulgadas nas salas de aula e no pátio durante a semana.

O teatro de fantoches também foi outra opção de diversão para a meninada, que pôde deleitar-se com a voz e interpretação dos educadores, que deram vida e personalidade aos bonecos.

O PEF também contou com a contínua atuação do Grêmio Estudantil, que sempre realiza ações protagonistas e incentiva outros jovens a participar. A parceria com um supermercado local tem garantido o lanche servido aos participantes aos finais da tarde. Pães, frios e sucos são os itens costumeiramente doados.

E assim, com essa programação e ambiente acolhedor, é difícil quem não queira voltar ao PEF da EE Dona Maria Barbieri.



Preparando a roda de capoeira



Teatro de fantoches



Visita da nutricionista

Voluntariado, uma expressão democrática!

(ATAULFO SANTANA – TÉCNICO/FDE)

Desde agosto de 2003, o *Programa Escola da Família* vem ofertando às comunidades intra e extraescolar um espaço privilegiado para o cultivo da participação solidária e cidadã. Antes disso, com raras exceções, os espaços escolares ficavam ociosos aos finais de semana, mas com o Programa essa realidade está se transformando. Paulatinamente, a comunidade vem sendo estimulada a apropriar-se, de maneira cada vez mais organizada e responsável, desse local público que já era seu de direito e que passa a ser, também, de fato.

Além das áreas escolares, o Programa conta com diversos educadores que compõem a estrutura organizacional. São profissionais atuantes na Secretaria da Educação, na Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, nas 91 Diretorias de Ensino e nas mais de 2 mil escolas estaduais. Somam-se, ainda, a todos esses



profissionais, mais de 11 mil educadores universitários que, juntos, planejam e colocam em prática essa ação tão democrática e participativa que é o *Programa Escola da Família*.

Uma das excelentes respostas que a sociedade civil vem dando como retorno à dedicação de todos esses atores é a sua participação **voluntária**. Em dezembro de 2016, o *site* do Programa registrou 11.035 voluntários atuantes na organização de atividades socioeducativas e, conseqüentemente, ampliou o leque de oficinas que são ofertadas à comunidade.

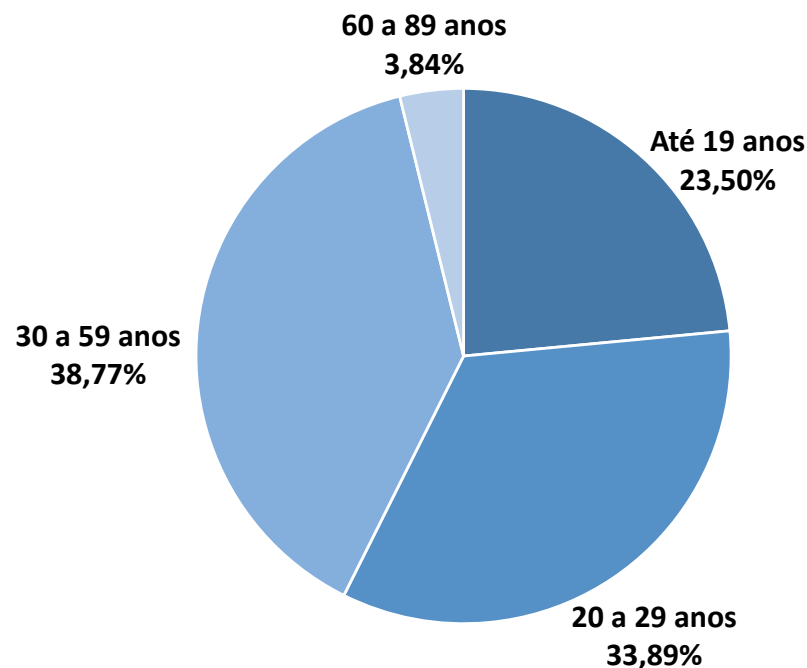
Um dos índices que mostram o resultado desse trabalho conjunto é o fato de as escolas participantes do PEF terem registrado 31% menos ocorrências¹ do que as escolas não participantes do Programa.

1. Dados de 2016, fornecidos pelo ROE - Registro de Ocorrência Escolar. Trata-se de uma ferramenta *on-line*, com a qual os diretores das escolas realizam o registro de ocorrências de cunho disciplinar e de natureza delituosa, no âmbito da comunidade escolar.

PERFIL E MOTIVAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS DO PEF

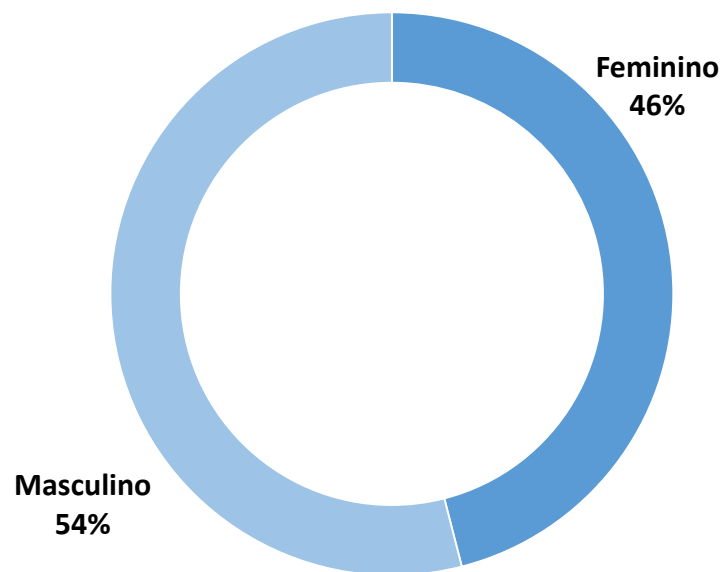
Ainda de acordo com o *site*, no gráfico 1, se somarmos os voluntários na faixa dos 20 aos 59 anos, teremos 72,66% de participação. E 3,84% de pessoas de 60 anos ou mais contribuindo para a construção de um Programa mais atraente. Já os jovens de até 19 anos representam 23,50% do total de voluntários.

Voluntários Programa Escola da Família
dez/2016 - gráfico 1



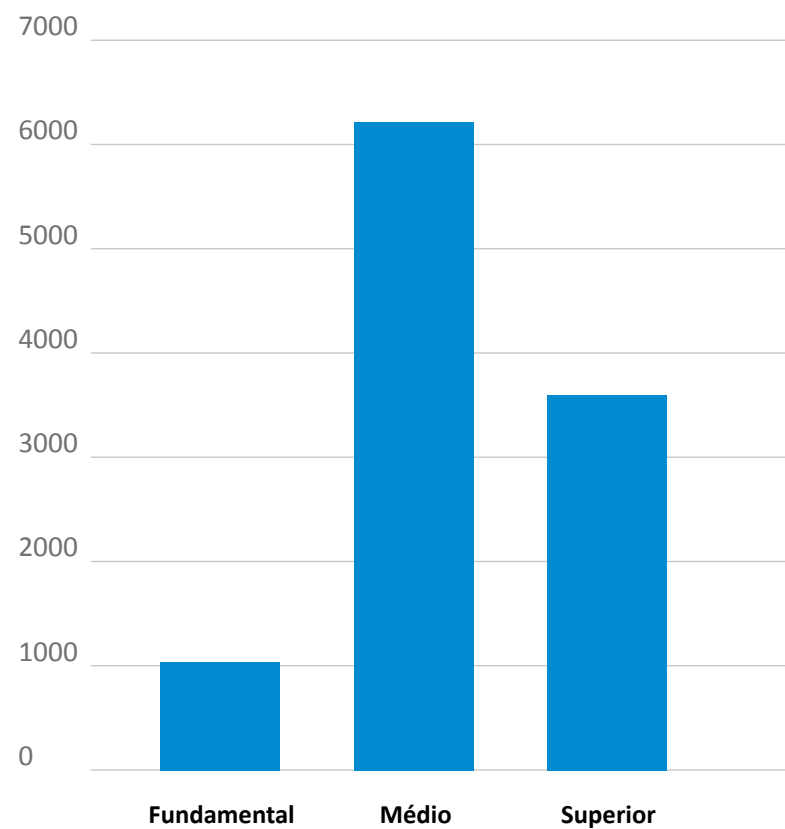
A adesão ao trabalho voluntário conta com a participação de 45% de mulheres e 54% de homens (gráfico 2).

Voluntários Programa Escola da Família
dez/2016 - gráfico 2



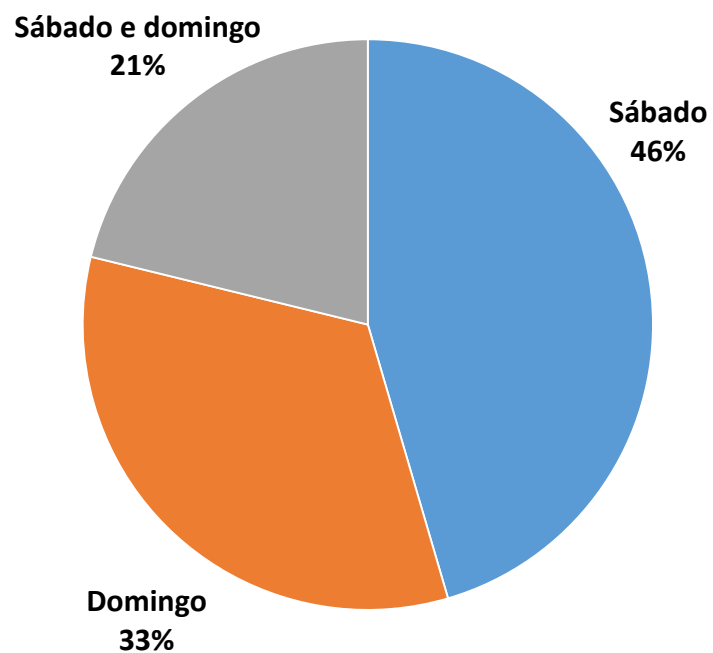
Podemos perceber também que a maioria, correspondendo a 57% dos voluntários (gráfico 3), cursou ou está cursando o Ensino Médio.

Voluntários Programa Escola da Família
dez/2016 - gráfico 3



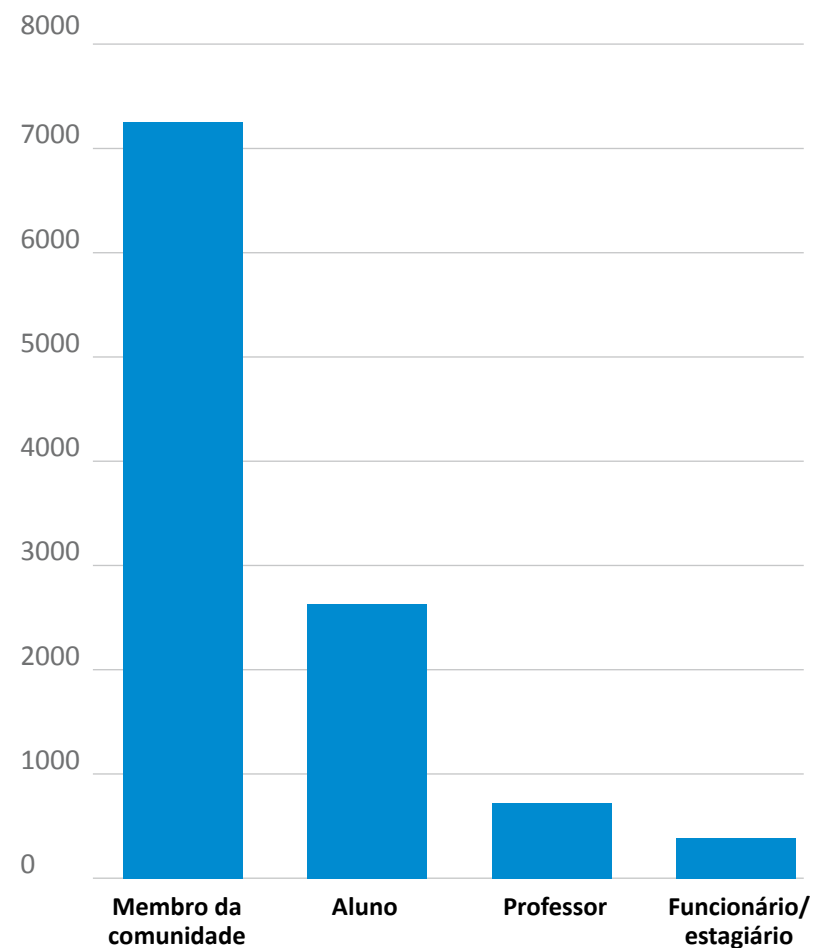
É possível também constatar, no gráfico 4, que 46% optaram por desenvolver suas atividades aos sábados, 33%, aos domingos e 21%, nos dois dias.

Voluntários Programa Escola da Família
dez/2016 - gráfico 4



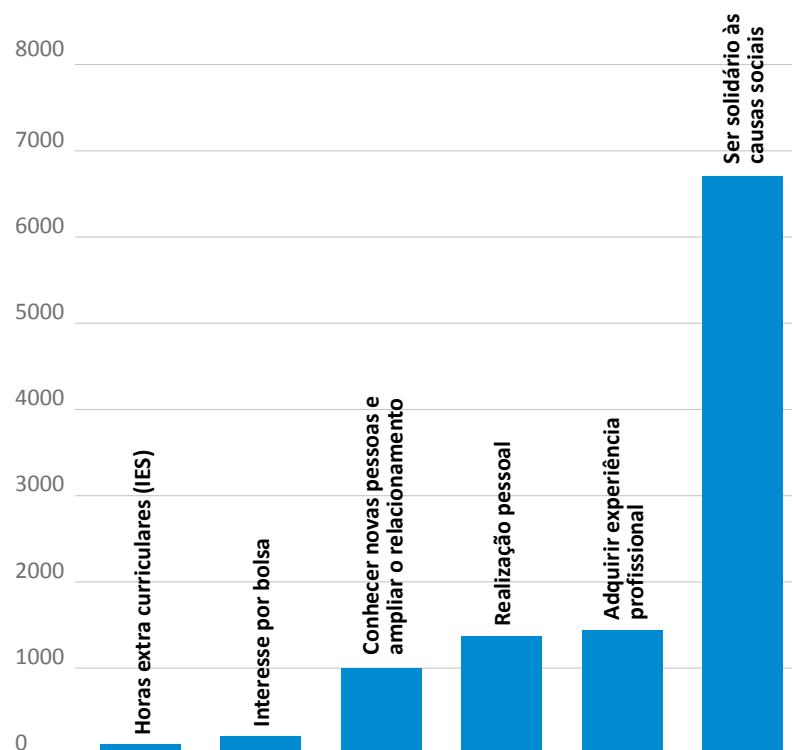
O gráfico 5 aponta que a maioria, 67% desses voluntários, faz parte da comunidade extraescolar, sendo membros da comunidade.

Voluntários Programa Escola da Família
dez/2016 - gráfico 5



Entre as alternativas apresentadas como motivação para tornar-se voluntário no *Programa Escola da Família* (gráfico 6), a menor, com 1%, é a de pessoas que têm interesse em obter uma bolsa para cursar a universidade, e a maior, com 61%, a de pessoas que demonstram desejo de **serem solidárias com as causas sociais!**

Voluntários Programa Escola da Família
dez/2016 - gráfico 6



Conhecer o perfil dos voluntários nos ajuda a encontrar novas possibilidades. Uma delas é perceber que existe um grande potencial para novas adesões ao voluntariado, principalmente na faixa etária abaixo dos 20 anos, de jovens que estão cursando ou ainda vão cursar o Ensino Médio e que são alunos de nossas escolas.

Enfim, tanto o excelente resultado apontado pelo índice de violência, quanto a adesão da sociedade civil – por meio do voluntariado –, demonstram que estamos no caminho certo!

Outro fator que também colabora para encontrarmos mais jovens com potencial para serem voluntários é o aumento demográfico dessa faixa etária. Enquanto em 2000 o censo populacional realizado pelo IBGE apontava 35 milhões de pessoas com idade de 10 a 19 anos, o último censo (2010) apresentou um aumento de **10 milhões**, ou seja, essa população alcançou 45 milhões² de jovens na mesma faixa etária.

Em 2017, o desafio é ampliar a participação da sociedade civil por meio de novos voluntários para o *Programa Escola da Família*. Uma das maneiras de superar esse desafio, contando com a experiência dos voluntá-

2. IBGE: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>. Acesso em: 18 jan. 2017.

rios que a escola já possui, é promover **encontros para formação de novos voluntários**, principalmente para os **jovens** que já frequentam nossas escolas durante a semana, pois eles são – em grande parte – nossos alunos.

Quantos voluntários a escola já tem e quem são? O que os motiva a serem voluntários? Quais atividades eles oferecem? Quais outras atividades a comunidade gostaria de ter? Os voluntários atuais gostariam de ajudar a buscar novos voluntários? Essas e outras perguntas ajudam a definir uma meta baseada na necessidade e na realidade da escola. E estabelecer uma meta é propor um desafio. Os desafios por uma boa causa têm o poder de engajar pessoas.

Em resumo, temos clareza de que o PEF já faz um bom trabalho, conhecemos um pouco do perfil e das intenções dos voluntários atuantes, sabemos quem são, onde estão os potenciais novos voluntários e, também, que essa população cresceu bastante nos últimos dez anos. Então, com o propósito de provocar uma reflexão sobre o acolhimento dos jovens, trouxemos trechos do texto: *O voluntariado como forma de Protagonismo Juvenil*, brilhantemente por Márcia Campos* e Vilma de Souza**.

O VOLUNTARIADO COMO FORMA DE PROTAGONISMO JUVENIL***

Adolescentes de hoje: jovens que buscam, mas não sabem exatamente o que procuram, nem como irão encontrar o que desejam. Indivíduos que, apesar dos diferentes rótulos que a sociedade lhes empresta, cada vez mais demonstram o mesmo desejo de viverem em um mundo melhor. Há algum tempo, esses adolescentes têm carregado o estereótipo de passivos e irresponsáveis, porque não se envolvem com questões consideradas verdadeiramente relevantes. Afinal, como exigir a participação daqueles que não são nem estimulados nem preparados a participar?

Acreditar no voluntariado juvenil significa – é claro – acreditar no voluntariado e no poder do jovem. Nos últimos anos, especialmente nesta década, vem tomando forma no Brasil a concepção de voluntariado como ação cívica, que tem como objetivo a mobilização de pessoas, empresas e instituições da sociedade civil para rever seus próprios problemas; tanto pela articulação de iniciativas e recursos quanto pela reivindicação de políticas públicas satisfatórias. A atuação direta de cidadãos em atividades sociais pode contribuir para o enfrentamento da exclusão social e para a consolidação de uma ci-

dadania participativa. Assegurar os direitos humanos e sociais passa a ser uma responsabilidade não apenas do Estado, mas de toda a sociedade.

Dentro dessa nova realidade, como se pode caracterizar o voluntário e o voluntariado? “O voluntário é o cidadão que, motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário. Além de bem informado e consciente da complexidade dos problemas sociais, o voluntário trabalha considerando o horizonte da emancipação, ou seja, estimulando o crescimento da pessoa e da comunidade para resolver seus próprios problemas”³.

[...]

Uma pesquisa realizada em 1997, pelo Centro de Pesquisa Motivacional, junto a 1.481 jovens das cinco maiores capitais brasileiras, indicou que, embora apenas 7% dos entrevistados estivessem envolvidos em algum tipo de ação voluntária, mais de 50% desejaria se engajar neste tipo de atividade. O adolescente tem vontade de atuar construtivamente na sociedade, porém faltam-lhe orientação e oportunidade.

3. [Cynthia Paes de Carvalho e Miguel Darcy de Oliveira, Centros de voluntários – transformando necessidades em oportunidades de ação, Rio de Janeiro, Programa Voluntários, 1998.](#)

[...]

Se acreditamos que o processo de construir-se como pessoa não termina nunca, temos de considerar que tanto o adolescente quanto o adulto estão em construção, cada um num momento particular dessa trajetória. O adolescente tem o direito de ser ouvido, respeitado, ter suas necessidades atendidas e encontrar espaço para expressão de seus potenciais. Porque somos paternalistas, não são raras as manifestações – claras ou veladas – de temores e preconceitos relacionados ao voluntariado jovem. Algumas delas estão comentadas, a seguir: – Pensamos que o envolvimento do adolescente com atividades extraescolares pode trazer prejuízos para sua formação acadêmica e para seu futuro profissional (Você devia pensar no seu futuro e não perder tempo com essas coisas); – Tememos que o contato do adolescente com a diversidade social, com as contradições e conflitos possa afastá-lo dos valores dominantes em sua família, religião ou grupo social e levá-lo a tornar-se desajustado, rebelde ou revolucionário (Olha lá aonde isso vai te levar); – Desqualificamos o idealismo e o interesse do jovem por considerá-lo passageiro, inconsequente, uma espécie de doença da idade que, logo, logo, vai passar (Quando eu tinha a sua idade também achava que podia mudar o mun-

do); – Descremos no potencial do jovem (Os adolescentes são aborrecentes: não sabem o que querem, vivem com a cabeça no ar, não cumprem horários, não conseguem assumir compromissos. Além disso, não têm habilidades específicas, portanto, têm pouco ou nada a oferecer); – Tememos que a liberdade de ação e a autonomia dos jovens nos levem a perder o controle sobre eles (Se deixarmos os jovens decidir e atuar por conta própria, as consequências serão desastrosas).

No relacionamento pessoal e social, as pessoas projetam umas nas outras representações e expectativas que tendem a concretizar-se em atitudes e comportamentos. O que pensamos e sentimos em relação aos adolescentes tende a funcionar como profecia autorrealizadora. Se partimos do pressuposto de que os adolescentes são capazes, eles provavelmente se mostrarão capazes. Se confiarmos, eles se mostrarão confiáveis. Se acreditamos, de fato, que o adolescente é uma pessoa e um cidadão, passamos a ouvi-lo e a respeitá-lo como parceiro, na construção de uma sociedade melhor. A força básica do voluntariado contemporâneo é a pessoa que, participando livremente de ações solidárias, tem oportunidade de encontrar-se consigo mesma e com os outros.

[...]

Assim compreendido, o voluntariado jovem torna-se um espaço de formação de pessoas autônomas, capazes de fazer projetos. São os projetos que dão sentido à vida, que nos lançam para o futuro. Oferecer aos adolescentes oportunidades de envolver-se na solução de problemas reais é oferecer-lhes chance de produzir sentido, definir rumos, transformar em textos coerentes e inovadores os fragmentos de informação a que estão expostos. Significa criar espaços para que eles possam exercitar a construção do seu projeto de vida, tornando-se autores e protagonistas de sua própria vida. Enfim, ao associar-se a seus pares e a adultos-parceiros em projetos de atuação voluntária, os adolescentes têm a chance de desenvolver: – Percepção, sensibilidade, flexibilização e adaptabilidade; – Capacidade de reflexão e interpretação da realidade social; – Autoestima, iniciativa e confiança em si mesmos; – Capacidade de escolha e de tomada de decisão; – Habilidade de conviver e trabalhar cooperativamente em grupo; – Habilidade de associar-se com adultos com base na parceria, apreciação e respeito mútuos. O voluntariado jovem pode acontecer, tanto através de ações criadas pelos próprios adolescentes, como pelo seu engajamento em uma organização de fim social, que tenha um programa de voluntários.

Como afirma Antônio Carlos Gomes da Costa, há

muitas maneiras de dizer sim a uma causa social. A adesão ao voluntariado admite respostas com nuances e gradações. A meta do facilitador e das instituições que desenvolvem programas de formação de adolescentes voluntários deve ser atingir o que Antônio Carlos Gomes da Costa considera o degrau mais alto da escada da participação, que corresponde à autonomia em todas as etapas de desenvolvimento de uma ação⁴. Quando os jovens atingem a autonomia, a iniciativa da ação parte deles próprios, que são capazes também de planejar, executar, avaliar e apropriar-se dos resultados dessa ação (protagonismo juvenil). Entretanto, temos de estar conscientes de que a caminhada em direção à autonomia é um processo longo, não ocorre ao mesmo tempo e no mesmo ritmo em todos os adolescentes. É, pois, fundamental respeitar e valorizar os progressos de cada um.

4. Antônio Carlos Gomes da Costa, *Protagonismo Juvenil – adolescência, educação e participação democrática*.



*Márcia Campos - Psicóloga com formação em psicologia social. Coordena e acompanha programas de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes em redes públicas de educação e saúde e em entidades não governamentais. É gerente de projetos da Fundação Odebrecht.

**Vilma de Sousa. Pedagoga, tem formação em biodança e é autora de diversos livros didáticos. Como assessora pedagógica do Colégio Pitágoras de Belo Horizonte, coordenou o Projeto Viver – formação de adolescentes voluntários – e a construção da proposta pedagógica dessa instituição. É consultora da Fundação Odebrecht e diretora da Intertexto – Educação e Cultura Ltda.

***Acesso ao texto completo no *link* abaixo:

<http://www.parceirosvoluntarios.org.br/o-voluntariado-como-forma-de-protagonismo-juvenil/>

DEPOIMENTOS DE QUEM PARTICIPOU DO PROJETO *VIVER COM SAÚDE* – PATROCINADO PELA FUNDAÇÃO MAPFRE E VIABILIZADO PELO PROGRAMA *ESCOLA DA FAMÍLIA* – E FOI AUTOR(A) DO LIVRO *HISTÓRIAS E RECEITAS*.



A experiência de conhecer a receita foi bem importante para mim e meus colegas. Nós a fizemos em grupo e isso nos uniu ainda mais.

Aprendemos a receber opiniões e críticas e isso ajudou muito na hora de fazer. E tudo deu muito certo graças a essa união. Foi gostoso compartilhar o resultado com as pessoas que cuidam da gente enquanto estudamos. (Julya Santos Maia Fogaça, 7º ano A, EE Professora Lourdes Pereira – DE Assis)



*Ficamos muito felizes com a iniciativa do Programa Escola da Família, que propôs aos alunos um concurso de receitas saudáveis. O projeto Viver com Saúde, da Fundação Mapfre, proporcionou não só ao nosso neto, mas também a todos nós, a oportunidade de falarmos de uma receita que é da família. Fomos unânimes na escolha da receita: **Polenta com frango, coentro e quiabo, no fogão a lenha**. É uma tradição familiar que começou com a bisavó, que passou para a avó e para a mãe do meu esposo. Essa receita é a preferida de todos, porque é feita no fogão a lenha, e isso torna o sabor do prato ainda melhor.*

Esse projeto foi importante, pois além de tratar do assunto saúde, ajudou a resgatar a história das famílias e das receitas que são passadas de geração a geração. Espero que outros projetos como esse possam ser realizados nas escolas todos os anos. (Dulcineia Conceição Dias Fantozzi, avó do aluno Jean Luca Fantozzi; EE Rachid Jabur/DE Assis; Cândido Mota/SP)



O projeto *Viver com Saúde* foi desenvolvido pelo *Programa da Escola da Família*, em parceria com os professores de Língua Portuguesa, e visou mobilizar alunos do Ensino Fundamental para a produção de receitas. E o principal ingrediente – a interação familiar – foi o que deu um toque especial aos pratos.

Após escreverem as receitas, formou-se uma comissão de alunos e professores para realizar o julgamento. Dentre muitas, foi escolhida a produção do aluno Eduardo Augusto Andrade Franco (7º A), que contou a história de sua avó, Dona Alzira. Ela se mudou da Bahia para São Paulo, junto com a família, e quis continuar os costumes e tradições de sua terra natal: reunir toda a sua gente para fazer *xiriri* – um prato fácil e de baixo custo. Eduardo também revelou que a avó gostava de contar histórias de sua infância; falar de brincadeiras, de danças de roda e de alguns costumes de sua terra, enquanto cozinhava.

Ao saber que sua receita havia sido escolhida, ele ficou feliz e emocionado, bem como seus familiares. Imagine ter a receita e um pouco da história da família publicada em um livro!

A vice-diretora Edleusa Silva Nobre não mediu esforços para que a entrega do livro fosse um momento inesquecível. Para isso, foi organizado um café da manhã para recepcionar a comunidade e, principalmente, Dona Alzira – a grande homenageada do dia. O evento foi realizado no domingo e contou com a presença da Coordenadora do *Programa Escola da Família*, Marlene Machado, e de toda equipe gestora e pedagógica da escola. Foi um imenso prazer fazer parte desse momento. **(Edleusa Silva Nobre, vice-diretora; EE Professor José Sérgio Pereira; DE Itapevi)**



Evento de entrega do livro *Histórias e Receitas*



Dona Alzira e o neto Eduardo Augusto.

Horizonte educacional – Arte nas escolas

O grafite ganhou as ruas como movimento de protesto desde sua origem. Tornou-se um meio de comunicar ideias e mensagens, de todos os tipos, por meio da arte em muros, paredes e viadutos de todo o mundo. E se o grafite fosse uma ferramenta para projetos educacionais?

Este foi um dos desafios que fez surgir o projeto *Conexão Rural*. Como instrumento educador, nessa iniciativa o grafite é a forma de expressão dos estudantes para mostrar a importância da atividade rural para quem mora na cidade.

“Tendo uma coisa nova, como o grafite, como ponto de chegada dos trabalhos, os alunos acabam se interessando e se dedicando mais. Fica mais fácil de absorverem a parte teórica”, conta Carmem Sílvia, coordenadora da Escola Municipal Maestro Marcelino Pietrobon, de Paulínia (SP).

Para começar, os alunos têm contato com o livro *O homem do campo paulista* e com o ca-

derno *A arte ligando a cidade ao campo*, que elucidam o trabalho rural e a sua importância.

Em seguida, os grafiteiros Enivo e Mauro Neri apresentam a história do grafite no Brasil e no mundo, enquanto contam a importância da arte em suas trajetórias de vida. A seguir, os alunos rascunham as obras que decorarão o muro da escola.

“Quando falamos que o projeto seria de grafite, as crianças endoidaram, a escola toda queria participar. As aulas foram divertidas e produtivas, porque todo mundo queria mostrar trabalhos legais sobre o campo, para poder fazer parte da pintura”, afirma Marcia, professora responsável pelo projeto na Escola Estadual Mascarenhas, de Paulínia (SP).

Para fechar o projeto, os artistas contemplam o muro da escola com uma obra sua sobre o tema.

O projeto *Conexão Rural* foi desenvolvido pela *Horizonte Educação e Comunicação* com

o intuito de mostrar, por meio da arte mural, a importância do campo para a cidade. Por meio do *Programa de Ação Cultural – ProAC*, do Estado de São Paulo, a Syngenta patrocinou a ação. Os trabalhos foram realizados em várias escolas da rede pública das cidades de Paulínia e de São Paulo. Os resultados, as fotos e os vídeos podem ser vistos no *site* www.edhorizonte.com.br/conexaorural.

Fonte: Revista *Horizonte Geográfico*, ano 29, n. 160.



Mais de 40 alunos transformaram o muro de uma escola de Paulínia em obra de arte

Programa Escola da Família encerra calendário de 2016 neste fim de semana

DATA DA NOTÍCIA: 15/12/2016

Educação registrou mais de 2 milhões de atividades de janeiro a novembro

Assim como os estudantes, o *Programa Escola da Família* também vai entrar de férias. Neste sábado (17) e domingo (18), unidades em todo o Estado encerram o calendário de 2016. Um balanço prévio feito pela Educação mostra que entre os meses de janeiro e novembro foram registrados mais de 2 milhões de atividades. As ações conduzidas por educadores, universitários e voluntários incluíram jogos esportivos, oficinas e cursos livres de música e beleza, além de orientações sobre saúde e bem-estar.

Para fechar o ano, as equipes preparam uma programação especial. Na capital paulista, por exemplo, na EE Tide Setúbal haverá competição de futsal, pebolim, tênis de mesa e bambolê.

Já no interior, em Franca, a EE Professora Lygia Rocha Alves reservou a data para o encerramento do projeto Hohoho. As crianças que forem à unidade de ensino receberão brinquedos produzidos por participantes do Programa. Mudanças de plantas cultivadas na escola também serão entregues à comunidade escolar.



Oficina de pintura

Seja um voluntário em 2017

Após o fim do recesso, previsto para janeiro, o Programa voltará a receber o cadastro de novos voluntários. Os interessados devem criar um projeto de acordo com o perfil da escola escolhida, além de apresentar os documentos RG e CPF. Clique no *link* abaixo e saiba mais sobre o processo.

<http://www.educacao.sp.gov.br/escoladafamilia/escolas/como-aderir>

Fonte: site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Livro de receitas é lançado em parceria com a Fundación Mapfre

DATA DA NOTÍCIA: 23/11/2016



Mais de 500 escolas receberam um exemplar

Desde 2011, o *Programa Escola da Família* (PEF) vem desenvolvendo parceria com a Fundación Mapfre na execução do projeto *Viver com Saúde*. Das 91 Diretorias de Ensino, cerca de um terço já participa do projeto e tem oportunidade de conhecer os benefícios de uma alimentação saudável, variada e equilibrada, além de colaborar para o livro de culinária *Histórias e Receitas*.

A formação oferecida, tanto presencial quanto a distância, às coordenações locais do *Programa Escola da Família*, traz, a cada ano, conceitos mais atualizados que revitalizam o projeto, o que atrai mais público, incluindo crianças.

Durante o ano, professores do PEF criam oficinas lúdicas sobre alimentação mais saudável, promovem o resgate de histórias familiares e salientam a importância da atividade física. As crianças participantes ajudam a selecionar a receita mais representativa de sua escola. A

receita é degustada antes de publicada no livro *Histórias e Receitas*, editado pela Fundación Mapfre.

Assim, anualmente, um novo livro é lançado. A edição 2015, recém-saída do forno, foi encaminhada às escolas participantes. Nas unidades escolares, cada autor de receita recebe um exemplar do livro. Mais de 500 exemplares foram distribuídos durante o mês de outubro.

Em 2015, participaram do projeto as Diretorias de Ensino das regiões de Adamantina, Americana, Apiaí, Assis, Botucatu, Caieiras, Carapicuíba, Centro, Diadema, Guarulhos Norte, Guarulhos Sul, Itapeverica da Serra, Itapeva, Itapevi, Itaquaquecetuba, Mauá, Mirante do Paranapanema, Mogi das Cruzes, Osasco, Ourinhos, Piracicaba, Presidente Prudente, Santo Anastácio, Santo André, São Bernardo do Campo, Sul 3, Suzano e Tupã.

Para que você possa folhear e experimentar algumas receitas, clique no link abaixo.

<http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/arquivo/Hist%C3%B3rias%20e%20Receitas%20-%202015.pdf>

Fonte: Boletim FDE, ano II, nº 35, dez. 2016.

Videoconferência sobre documentário

O Começo da Vida para os educadores

O filme discute temas como a parentalidade, a adoção e as diferentes configurações familiares



No dia 17 de outubro, uma videoconferência foi realizada para apresentar proposta de atividades para as escolas participantes do Programa Escola da Família. O objetivo do evento foi oferecer sugestões de atividades para serem realizadas com a comunidade das unidades escolares do Programa e promover um bate-papo sobre o documentário *O Começo da Vida*.

Dirigido por Estela Renner, o filme mostra a importância dos primeiros anos de vida na formação de cada pessoa, tema pertinente aos educadores e também aos que se interessam pelo assunto. O documentário estreou em maio de 2016, em grande circuito nacional.

Além disso, o documentário, produzido por Maria Farinha Filmes, foi exibido para os professores pela plataforma Videocamp, em diversas escolas da rede estadual. *O Co-*

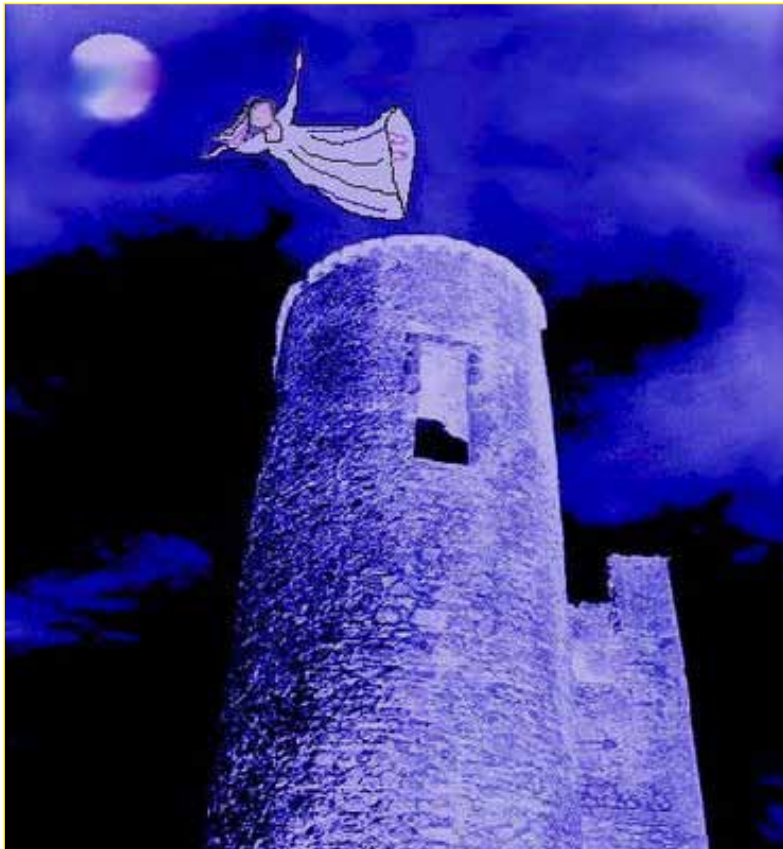
meço da Vida traz à tona a importância das relações nos primeiros anos de vida de uma criança e aponta como o afeto e o vínculo são fundamentais para seu desenvolvimento. O filme coloca luz também em questões atuais, como a parentalidade, a participação dos homens nas relações com as crianças, a adoção e as diferentes configurações familiares.

Os videoconferencistas foram: Ana Maria Stuginski (Operacionalização/PEF), Devanil Tozzi, gerente de Educação e Cultura, além de Guilherme Perisse e Severino Antônio, ambos do Instituto Alana. A videoconferência faz parte da agenda de eventos da Rede do Saber, que desde 2009 integra a Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores do Estado de São Paulo "Paulo Renato Costa Souza" (EFAP).

Fonte: *Boletim FDE*, ano 2, nº 34, 2016.

Ismália

ALPHONSUS DE GUIMARAENS



Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

PARA SABER MAIS...



Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), poeta brasileiro, foi dos principais representantes do Movimento Simbolista no Brasil. Marcado pela morte de sua prima Constança – a quem amava e estava com apenas 17 anos, sua poesia é quase toda caracterizada pelo tema da morte da mulher amada. Todos os outros temas que explorou, como religião, natureza e arte, de alguma forma se relacionam com o mesmo tema da morte.

Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, no dia 24 de julho de 1870. Filho do comerciante português Albino da Costa Guimarães e de Francisca de Paula Guimarães Alvim, fez os cursos básicos em Minas Gerais. Aos 17 anos se apaixona pela prima Constança, filha do escritor Bernardo Guimarães, seu tio-avô, e com a morte prematura da prima, em 1888, o poeta se entrega à vida boêmia.

Nessa época já colaborava no *Almanaque Administrativo, Mercantil, Industrial, Científico e Literário* do município de Ouro

Preto. Viaja para São Paulo com o amigo José Severino de Resende. Inicia o curso de Direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1891. Volta para Ouro Preto, em 1893, onde termina o curso de Direito na recém-criada Academia Livre de Direito de Minas Gerais.

Volta para São Paulo, onde estuda Ciências Sociais, terminando o curso em 1895. Vai ao Rio de Janeiro, onde conhece Cruz e Souza, poeta que já admirava e de quem se tornou amigo. Volta para Minas e é nomeado promotor de Conceição do Serro, hoje Conceição do Mato Dentro, ocupando em seguida o cargo de juiz substituto. Em 1897 casa-se com Zenaide de Oliveira, com quem teve 14 filhos.

Sua poesia expressa uma atitude melancólica sobre o tema morte. O sentimento resignado, o sofrimento e a desesperança estão presentes em seus versos. O seu espiritualismo é voltado para a religiosidade e o misticismo.

Seus três primeiros livros, publicados no Rio de Janeiro, em 1899, são: *Dona Mística*, *Câmara ardente* e o *Setenário das dores de Nossa Senhora Kiriali*, que foi escrito antes, só foi publicado em 1902, na cidade do Porto, em Portugal. Em 1905 é nomeado juiz municipal da cidade de Mariana.

Afonso Henrique da Costa Guimarães (seu nome civil) morreu na cidade de Mariana, Minas Gerais, no dia 15 de julho de 1921.

Obras:

Setenário das dores de Nossa Senhora; poesia (1899)

Dona Mística; poesia (1899)

Câmara ardente, poesia; (1899)

Kiriale; poesia (1902)

Mendigos; prosa (1920)

Pauvre Lyre; poesia (1921)

Pastoral aos crentes do amor e da morte; poesia (1923)

Poesias (Nova primavera, Escada de Jacó, Pulvis); poesia (1938)

Fonte: <https://jornaldapoesia.wordpress.com/2007/06/04/ismalia/>

MOVIMENTO SIMBOLISTA NO BRASIL

O Simbolismo chegou ao Brasil em 1893, com a publicação das obras *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia), ambas de autoria de Cruz e Sousa, que é considerado o maior autor simbolista. Além de Cruz e Sousa, destacam-se Alphonsus de Guimaraens e Pedro Kilkerry.

CRUZ E SOUSA

Principais obras:

Missal (prosa)

Broquéis (poesia)

Tropos e fantasias

Faróis

Últimos sonetos

Principais características:

- no plano temático: a morte, a transcendência espiritual, a integração cósmica, o mistério, o sagrado, o conflito entre matéria e espírito, a angústia e a sublimação sexual, a escravidão e uma verdadeira obsessão por brilhos e pela cor branca;

- no plano formal: as sinestésias, as imagens surpreendentes, a sonoridade das palavras, a predominância de substantivos e o emprego de maiúsculas, utilizadas com a finalidade de dar um valor absoluto a certos termos.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Sua poesia desenvolve-se em torno de um misticismo marcado pela morte, que surge como uma inevitabilidade, e é praticamente transformada em objeto de adoração. Formalmente, o autor revela influências árcades e renascentistas, sem cair no formalismo parnasiano. O poeta chegou a explorar a redondilha maior, de longa tradição popular, medieval e romântica, e sua obra é rica em recursos como aliterações e sinestésias.

(Por Marina Cabral, especialista em Língua Portuguesa e Literatura.)

